

Relatório de Estágio no Jornal *Expresso*

Ana Marta Gouveia

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

março 2025

“May your trials end in full bloom”

Min Yoongi

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e ao meu irmão, pelo seu apoio incondicional em todos os meus passos académicos, profissionais e pessoais. E também a quem já cá não está. Espero conseguir fazer-vos felizes e orgulhosos. É por vocês.

À minha Marta, a minha outra metade, por ser a pessoa que mais acredita em mim, principalmente quando quero desistir de tudo, e que mais celebra as minhas conquistas. Não sei onde estaria sem o apoio dela desde o início da licenciatura, e espero nunca precisar de saber. Obrigada por nunca me deixares ser uma Cassandra.

À Bia, à Kia e à Carol, por estarem ao meu lado nestes últimos dois anos e não desistirem de mim. Admiro muito os vossos caminhos e fico grata por fazer parte deles, ainda bem que sete artistas nos fizeram encontrar neste mundo.

Aos amigos de infância, por me terem visto crescer e continuarem a acompanhar todas as diferentes fases da minha vida.

Às amigas que conheci por partilharmos os mesmos gostos musicais ou a mesma paixão por Fórmula 1, por me ouvirem falar constantemente sobre os meus artistas e pilotos favoritos e estarem presentes nos meus momentos mais felizes.

Ao professor Rui Zink, por ter aceitado ser o meu orientador para este relatório e pelas recomendações que deu.

Por último, no *Expresso*, ao Rui Tentúgal, pela disponibilidade e confiança, durante o estágio e posteriormente. Um agradecimento especial também ao João Pedro Barros, à Margarida Parreirão e ao Miguel Pereira, pela simpatia e apoio.

RESUMO

O presente relatório tem como objetivo descrever o trabalho realizado durante o estágio curricular no jornal *Expresso*, com a duração de três meses, de modo a cumprir os requisitos à obtenção do grau de mestre no âmbito do mestrado de Edição de Texto.

Será feita uma apresentação do periódico e dos seus componentes, bem como do processo de trabalho e todas as funções desempenhadas, com foco na área de revisão de texto.

Este relatório pretende expor também os erros mais comuns e os desafios encontrados no decorrer do estágio, recorrendo a exemplos concretos de casos vivenciados.

PALAVRAS-CHAVE: revisão de texto, jornal, revista, editor, estágio

ABSTRACT

The following report aims to describe the work carried out during a three-month internship at the portuguese newspaper *Expresso*, in order to fulfill the requirements for obtaining a master's degree in Editing and Publishing.

A presentation will be made of the newspaper and its components, as well as the work process and all the tasks performed, which focused on the area of proofreading.

This report also aims to highlight the most common mistakes and challenges encountered during the internship, using concrete examples of cases experienced.

KEYWORDS: proofreading, newspaper, magazine, editor, internship

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. A INSTITUIÇÃO	3
2.1. O Grupo Impresa	3
2.2. O <i>Expresso</i>	4
3. O ESTÁGIO	5
3.1. Descrição geral	5
3.2. Tarefas realizadas	6
3.2.1. Jornal <i>online</i>	7
3.2.2. Jornal impresso	13
3.3. O trabalho do revisor	16
4. EXPERIÊNCIA	18
4.1. Erros mais comuns	18
4.2. Exemplos de revisões	22
4.3. Dificuldades encontradas	26
5. O jornalismo e a sua relação com a revisão	29
6. CONCLUSÃO	32
BIBLIOGRAFIA	34
ANEXOS	35

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo descrever o trabalho realizado durante o estágio curricular de três meses no jornal *Expresso*, com vista ao cumprimento dos requisitos à obtenção do grau de mestre no âmbito do mestrado de Edição de Texto.

O estágio e relatório foram realizados sob a orientação do professor Rui Zink, docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, e do editor de fecho no *Expresso* Rui Tentúgal, que supervisionou e acompanhou o meu trabalho na instituição. Optei pelo estágio curricular por considerar que seria uma oportunidade valiosa para aprofundar os meus conhecimentos na área de revisão de texto e para ter a minha primeira experiência profissional no mercado de trabalho.

O processo de seleção do estágio foi complicado, uma vez que enviei currículos para dezenas de instituições, sobretudo editoras, e, ou não obtive resposta, ou foi uma resposta negativa, justificando que não tinham capacidade de aceitar estagiários naquele momento. Já ciente da possibilidade de muitas editoras não responderem, de acordo com relatos de colegas que passaram pelo mesmo processo, pensei ser essencial alargar a busca para além deste tipo de instituições, tentando procurar uma vaga em grupos televisivos ou periódicos. Dois dias após enviar o meu currículo para o grupo Impresa fui contactada pela equipa de recursos humanos, com interesse na proposta e de maneira a marcar uma reunião com um dos editores do *Expresso*, Rui Tentúgal. Depois de realizada a reunião, foram acertados os assuntos fundamentais, as tarefas que iria desempenhar, as datas de início e conclusão do estágio e a assinatura dos contratos. Comecei então o trabalho no departamento de edição do jornal no dia 9 de setembro, a fazer a revisão de todas as notícias lançadas no *site* do *Expresso*.

De forma a organizar o relatório e abordar o que julgo ser necessário, este está dividido em quatro grandes secções, com subtópicos. Começarei por falar sobre a instituição de acolhimento e a sua história, do grupo Impresa e do *Expresso*, e descreverei a composição do jornal, o que constitui o semanário e o *site*, e as equipas responsáveis pela sua publicação.

Segue-se uma caracterização do estágio, incluindo as condições que me foram oferecidas e também as oportunidades proporcionadas, e um relato detalhado das tarefas por mim realizadas, dos programas utilizados e de como escolhi organizar-me para me certificar que o trabalho era bem feito, tanto na versão *online* do jornal, como na impressa.

Terminarei com uma abordagem teórica ao trabalho de um revisor no geral e os desafios que atualmente lhe são colocados.

O ponto consecutivo tratará de três tópicos representativos da minha experiência ao longo do estágio, procedendo à descrição dos erros mais comuns encontrados, de alguns casos concretos e também das dificuldades sentidas no processo.

No último tópico de desenvolvimento abordarei questões relevantes em relação à revisão, especificamente no *Expresso* e num jornal, e a conjuntura deste mercado atualmente em Portugal.

Para concluir, farei uma reflexão sobre os três meses de estágio, a instituição e de que modo este período foi útil no meu percurso profissional, bem como pequenas sugestões que creio que tornariam o trabalho no departamento mais fácil e eficiente.

2. A INSTITUIÇÃO

2.1. O Grupo Impresa

O estágio foi realizado no jornal *Expresso*, publicação do grupo Impresa, um dos maiores grupos de comunicação social portuguesa. Para além do *Expresso*, o grupo compreende atualmente oito canais do universo SIC.

O grupo Impresa surge em 1972, quando Francisco Pinto Balsemão funda o Sojornal, com o intuito de desenvolver um semanário de qualidade em Portugal. A 6 de janeiro de 1973 é criado o *Expresso*, que ao longo dos anos se vem afirmando como uma grande referência nos meios de comunicação social do país. Dois anos depois, em 1975, é fundada a VASP, cujo objetivo seria distribuir o *Expresso*, uma das funções que desempenha até aos dias de hoje.

A 6 de setembro de 1992 arrancam as emissões da SIC (Sociedade Independente de Comunicação), o primeiro canal de televisão privada em Portugal, e inicia-se o ciclo de expansão televisiva, que dará origem à SIC Internacional, SIC Notícias, SIC Radical, SIC Mulher, SIC K, SIC Caras e Txillo.

Pertencendo ao grupo, e mais especificamente ao *Expresso*, encontramos três marcas. A Blitz, fundada em 1984 como jornal, mais tarde passando a revista, e atualmente exclusivamente em plataforma digital, é a marca dedicada ao universo musical, internacional e português. O Boa Cama Boa Mesa nasce em 2003, e especializa-se na produção de conteúdos sobre restaurantes, hotéis e experiências de lazer. E em 2016 surge a Tribuna, a marca desportiva do jornal.

Em 2018, múltiplas publicações que pertenciam ao grupo Impresa são vendidas à sociedade Trust In News. São elas: Activa, Caras, Caras Decoração, Courier Internacional, Exame, Exame Informática, Jornal de Letras, Telenovelas, TV Mais, Visão, Visão História e Visão Júnior.

O processo de mudança cujo objetivo seria a centralização de todas as marcas do grupo é concluído em 2019, e são finalizadas as instalações do Edifício IMPRESA, em Paço de Arcos, local onde foi realizado o presente estágio.

2.2. O *Expresso*

O jornal *Expresso* divide-se em dois departamentos: o *online* e o impresso. Para cada um deles existe uma equipa de profissionais diversificados e específicos para as suas necessidades.

A edição em papel do jornal é composta por quatro elementos: a Revista E, o primeiro caderno, o Ideias e o caderno de economia. Para a sua elaboração, conta-se com um grupo de gráficos e designers, responsáveis pela paginação do jornal, e também a infografia nele incluída, ou seja, mapas, gráficos, esquemas, etc. Os temas e textos incluídos nas publicações são escolhidos pelos editores, no caso da revista, com semanas de antecedência, e no jornal, semanalmente. A versão impressa é revista por um grupo de *copydesks*, composto por quatro revisores e um editor de fecho, encarregues de todos os componentes do semanário.

O saco de papel que leva ao leitor o semanário é colocado à venda nas bancas à sexta-feira, mas os cadernos não são fechados nos mesmos dias. A Revista E é atualmente fechada à segunda-feira, o caderno de economia à quarta-feira, e, finalmente, o primeiro caderno e o Ideias fecham à quinta-feira. Teoricamente, às 18 horas de quinta-feira deverá estar a edição completa fechada e pronta para ser enviada para a gráfica. “Teoricamente” porque frequentemente acontecem imprevistos em alguma das fases de produção, que atrasam a sua entrega.

Já a versão *online* é desenvolvida por uma equipa de editores e coordenadores, cujas funções se focam no texto em geral, verificando e ponderando sobre o que é publicado, e efetuando ou não alterações nos conteúdos, entradas e títulos. São eles que aprovam a publicação das notícias, e não são responsáveis por fazer uma análise cuidada e minuciosa dos textos, também por questões de limitação temporal. Não existem revisores na página *online* do jornal, tendo sido essa a principal função que desempenhei ao longo do estágio.

O *site* do *Expresso* apresenta variadas secções, de forma a facilitar o acesso e a busca por assuntos específicos. Nele encontramos também as marcas Blitz, Boa Cama Boa Mesa, e Tribuna, esta última com um *site* externo ligado ao do jornal. As grandes categorias presentes na página são: economia, política, cultura, sociedade, internacional, sustentabilidade e a Geração E, com artigos feitos por e para os mais jovens. Eventualmente também são criadas secções temáticas de acordo com grandes

acontecimentos, como por exemplo uma dedicada exclusivamente às eleições presidenciais nos EUA ocorridas em novembro de 2024, que na época era acessível imediatamente na barra de navegação central.

Além de notícias, também são publicados artigos de opinião, *newsletters* e *podcasts*. Uma grande quantidade de textos é “exclusiva”, apenas sendo possível lê-los na íntegra se possuímos a subscrição paga do jornal, que também dá direito a aceder à versão digital do jornal impresso todas as semanas.

Atualmente, o *site* conta com uma página especial, o “Expresso Fundamental”, constantemente atualizada ao longo do dia com as principais notícias de última hora e os momentos-chave.

3. O ESTÁGIO

3.1. Descrição geral

O presente estágio teve a duração de 400 horas, tendo sido iniciado no dia 9 de setembro de 2024 e terminado a 8 de dezembro do mesmo ano. Foram feitas sete horas diárias, num horário flexível, de acordo com as minhas preferências.

O estágio realizou-se num regime totalmente presencial, ainda que inicialmente se tenha ponderado a opção de trabalhar num regime híbrido. Dado que as minhas tarefas se focavam na revisão do *site*, não seria necessário estar em constante contacto com colegas de outros departamentos, o que aconteceria se se tratasse do jornal impresso. No entanto, considerei desde o começo que seria interessante e importante poder ter a experiência de trabalhar presencialmente na redação, de maneira a estar envolvida pelo ambiente e poder assimilar as interações que aconteciam ao meu redor. Deste modo, aprendi vendo, e tive a oportunidade de estabelecer relações com os profissionais à minha volta, especificamente editores, jornalistas e paginadores.

Isso foi algo que me permitiu observar diversos processos aos quais não teria acesso caso estivesse a trabalhar de outra forma. Foi-me possível acompanhar a preparação e elaboração de entrevistas e reportagens pelos meus colegas jornalistas, desde a primeira ideia, ao contacto com os entrevistados e marcação das entrevistas, até à

composição do artigo propriamente dito, às vezes fruto de um trabalho conjunto de duas pessoas.

Acompanhei grande parte da elaboração de um projeto especial da revista Blitz, a edição de colecionador comemorativa dos seus quarenta anos de existência. Esta revista incluiu a eleição dos 40 melhores discos portugueses dos últimos quarenta anos, e a votação contou com 170 personalidades ligadas à música portuguesa e à marca. A minha área de trabalho no escritório coincidia com a dos jornalistas da Blitz, o que me proporcionou a chance de assistir aos processos de contactos, votações e criação gráfica da revista, contribuindo com pequenas opiniões quando solicitada sobre a última questão.

Trabalhar ao lado de jornalistas permitia-me também esclarecer eventuais dúvidas que surgissem sobre determinadas notícias. Caso estivesse a ler uma notícia escrita por um dos meus colegas próximos, e surgisse uma questão em relação a algum conteúdo, podia clarificar diretamente com a fonte para não cometer erros na revisão.

O meu orientador na redação foi o editor de fecho do jornal impresso, Rui Tentúgal. A este editor cabe a função de aprovar a totalidade das páginas dos jornais e revistas. Faz uma segunda leitura e revisão, avisa os gráficos de qualquer alteração a fazer, por exemplo acrescentar um itálico ou aumentar o espaço dedicado a um título, entrada ou texto, e de seguida a página é submetida e enviada para a gráfica. Ao mesmo tempo, os diretores e coordenadores aprovam igualmente as páginas.

Para além do acompanhamento do orientador, tive também ao meu lado durante o estágio o editor do setor *online* do *Expresso*, João Pedro Barros. Como trabalhei com o *site* do jornal, estava maioritariamente sobre a sua alçada, e acabava por recorrer a ele mais frequentemente no dia a dia. Tornando-se uma espécie de “segundo orientador”, foi uma ajuda vital no processo, sempre disponível para me auxiliar e esclarecer qualquer dúvida.

3.2. Tarefas realizadas

O plano de atividades acordado antes do início do estágio foi, de maneira geral, cumprido. Presumia-se que eu iria começar por fazer a revisão dos textos do *Expresso online*, passando de seguida a revisões simuladas de textos das edições impressas, para aprender a fazê-lo corretamente e habituar-me ao estilo de trabalho, e terminaria realizando a revisão para efetiva publicação dos textos. Na realidade, por razões que irei

desenvolver mais à frente, acabei por somente trabalhar na versão digital, estando envolvida em apenas uma edição impressa diretamente.

3.2.1. Jornal *online*

O sistema utilizado na produção do *site* do *Expresso* é o *Backoffice*, um programa editorial onde são escritas as notícias, submetidas, editadas e lançadas para publicação (ver anexo 1). Atualmente existe uma nova versão da plataforma, mas por estarem em fase de transição, aprendi e trabalhei apenas com a versão antiga. Aqui podemos encontrar o arquivo de todas as notícias publicadas no *site*, de qualquer marca, sendo atribuída a cada uma categoria, que permite uma fácil identificação e busca, por exemplo “50 anos do 25 de Abril” ou “Legislativas 2019”.

As entradas estão apresentadas em três fases. Primeiro como *draft*, um rascunho, enquanto está a ser escrito e alterado pelo jornalista. Quando concluído, o seu estado passará a *published-inactive*, mostrando ao editor/revisor que o texto está inativo e pode ser modificado ou aprovado. E por último, *published*, que aparece quando a notícia é finalmente lançada no *site*. Era-me permitido trabalhar nos textos quando eles estavam inativos ou publicados. No momento de revisão do texto, o programa indica-nos também se mais alguém o está a ler, o que significa que poderá ainda sofrer alterações por parte dos editores que influenciem a minha revisão.

No primeiro dia foi-me concedido acesso a um documento onde se regista diariamente a programação de lançamento de notícias. Nele incluem-se os maiores artigos e entrevistas planeados e o seu horário estimado de publicação. Evidentemente ao longo do dia surgem novas notícias para serem divulgadas, de última hora ou mais pequenas e imediatas, mas o cronograma permite ter uma noção geral do que será lançado. São anotados também artigos pendentes de outros dias, ou que carecem de informações adicionais, como respostas por parte de uma figura pública a determinado assunto.

Um outro tipo de publicações são as “lusas”, assim denominadas por serem notícias escritas pela Agência Lusa. A função desta agência é recolher material noticioso, produzir e distribuir notícias e fotografias aos seus clientes, sendo de acesso geral pelos jornais portugueses. Muitos dos artigos mais pequenos, sobre tópicos imediatos ou gerais em Portugal e no mundo (avisos meteorológicos, atualizações rápidas sobre os conflitos

mundiais, etc.) têm origem na Lusa. As lusas são “puxadas” do estado *deleted*, onde por razão desconhecida surgem, e publicadas, maioritariamente tal como estão.

O primeiro dia de estágio foi passado a acompanhar o meu orientador pela redação, a conhecer as instalações e os membros das variadas equipas que trabalham no jornal. Em razão de o meu computador não ter sido instalado e programado até essa altura, e os editores também quererem determinar melhor como se realizariam as minhas funções, observei o trabalho de Rui Tentúgal como editor, começando a aprender a sua metodologia e de que forma se dava a edição e revisão do jornal impresso.

Por ser a primeira estagiária em vários anos no departamento de revisão do *Expresso*, os dois orientadores procuraram perceber qual seria a maneira ideal de trabalhar e ser acompanhada, concordando com a criação de um grupo na aplicação *Whatsapp*, que me colocasse em contacto direto e rápido com eles e outros editores do digital.

Ficou acordado que, nos primeiros tempos, seria mais indicado focar-me nas notícias exclusivas, que teriam mais relevância. Procederia à leitura dos textos e, caso fosse detetado algo que precisasse de revisão ou emenda, imprimia e apontava as alterações sugeridas, e de seguida procuraria a aprovação por parte de Rui ou de João Pedro, consoante quem estivesse disponível. Por trabalharem os dois em regime híbrido, nem sempre estavam presentes na redação, pelo que deveria contactá-los através do grupo de *Whatsapp*. Para além destes dois profissionais, também o jornalista e coordenador do *online* João Miguel Salvador foi uma preciosa ajuda, sempre disponível para responder às minhas dúvidas e a alterações que eu sugerisse no grupo.

Nos primeiros dois dias, depois de ter as propostas aprovadas, estas eram executadas por um deles, visto que eu não tinha autorização no programa *Backoffice* para editar. Rapidamente se percebeu que o processo iria tornar-se complicado e demorado continuando dessa maneira, e, por esse motivo, foram solicitadas as autorizações para desbloquear o meu acesso para modificar os textos. Foi fornecido também um endereço de email, onde receberia as informações dos recursos humanos, informáticos e comunicações gerais, acesso ao conteúdo pago do *site* do *Expresso* e credenciais de acesso ao programa *WoodWing Studio*, utilizado no jornal impresso.

Depois de duas semanas, pareceu-me que os meus orientadores começaram a confiar no trabalho que estava a fazer, e passou a não ser obrigatório passar as minhas revisões pelos coordenadores. Um outro motivo para isso foi também o grande volume

de notícias com erros detetados, que tornava pouco prática a contínua necessidade de aprovação, para mim e para eles, que tinham outras tarefas para cumprir e acabavam por quebrar os seus ritmos. Poder fazer alterações de forma imediata tornou o trabalho mais ágil para todos. Continuava a contactá-los em casos complexos, para esclarecer dúvidas, ou situações em que os erros eram críticos, como títulos e entradas incompletas.

Num momento inicial, em que mostrava as minhas revisões aos editores para que aprovassem e efetuassem as mudanças, ponderei qual seria a maneira mais fácil de lhes indicar rapidamente os erros e onde se encontravam no texto. Por essa razão, tirava uma captura de ecrã à entrada da notícia no *Backoffice*, colava num documento *Word*, assinalava o erro e escrevia a sugestão de alteração. Como por umas semanas não conseguia imprimir as folhas a cores (por configuração do computador, que mais tarde consegui alterar), à mão reforçava com caneta vermelha onde se encontrava o equívoco. Eventualmente passei a assinalar os erros e as correções apenas à mão, pois era mais simples e lógico. Tirando essas capturas de ecrã diretamente do *Backoffice* tornava o trabalho dos orientadores rápido, já que conseguiam imediatamente ver em que parte do texto no programa deveria ser feita a mudança¹ (ver anexos 2-4).

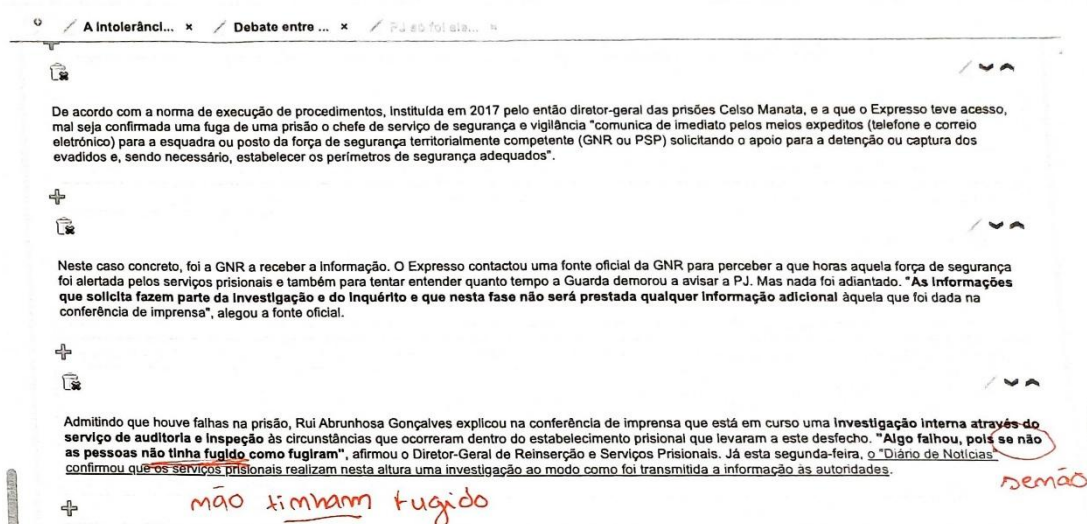


Figura 1 – Exemplo de revisão em captura de ecrã do *Backoffice*

¹ Exemplo da figura 1 retirado de: Hugo Franco, “PJ só foi alertada duas horas depois da fuga dos cinco reclusos de Vale de Judeus” (10 de setembro de 2024).

Quando deixou de ser imperativa a aprovação por parte dos editores, exceto em situações duvidáveis ou complicadas, e ao mesmo tempo era solicitado que imprimisse as revisões, tirava uma captura da notícia no *site*, e não no *Backoffice*, e apenas dos parágrafos onde se encontravam os erros, assinalando depois com caneta vermelha as alterações. Como determinava quais as notícias que eram alvo de revisão através do *site* do jornal, e as lia também por aí, essa técnica era mais eficiente² (ver anexos 5 e 6).

Shoshana Zuboff sobre liberdade de expressão e censura nas redes sociais: “Quanto mais sabem sobre nós, mais podem moldar e controlar”

“Nada disto poderia ter acontecido sem a intensidade da ideologia do neoliberalismo e a forma como a ideologia engoliu tanto as pessoas que pensavam em si próprias como conservadores económicos cas pessoas que se consideravam progressistas.” Quando toca na ferida, Shoshana Zuboff, professora emerita da Harvard Business School, põe tudo em causa. Afinal, de que lado está o poder, senão nos absolutistas da Meta, do X e da Amazon? Nesta entrevista ao Expresso, a filósofa americana adverte que as democracias em todo o mundo, ao enfrentarem a mudança para uma nova civilização de informação, saltaram o passo mais importante: “Fomos empurrados para este novo ambiente onde a nossa praça pública já não é uma praça pública, é uma praça privada [...] E a criação de riqueza prossegue através do mecanismo do capitalismo de vigilância.”

Na perspectiva da autora do livro “A Era do Capitalismo da Vigilância: A disputa por um futuro humano na nova fronteira do poder”, e do mais antigo “Na Era da Máquina Inteligente: o futuro do trabalho e do poder”, os instrumentos de vigilância estão a criar “não só uma enorme concentração de poder económico, mas também a concentração de novos tipos de poder social e governamental”.

na entrada está
“A Era do Capitalismo
de Vigilância”

Figura 2 – Exemplo de revisão em captura de tela do *site*

Mais tarde, e ao longo do resto do estágio, optei por imprimir os textos apenas quando eles apresentavam múltiplos erros, e nomeadamente quando estes podiam ser mais graves.

O meu trabalho de revisão compreendia diversas tarefas. No âmbito gramatical, era necessário corrigir erros ortográficos e de sintaxe; substituir e/ou acrescentar pontuação; verificar concordâncias; prestar atenção a repetições; retificar a acentuação de determinadas palavras; e uniformizar o uso de aspas, maiúsculas e minúsculas.

A propósito da formatação, aspetos a ter em conta incluem a normatização da utilização do itálico em estrangeirismos e outras ocasiões; verificar se os títulos, entradas

² Exemplo da figura 2 retirado de: Catarina Maldonado Vasconcelos, “Shoshana Zuboff sobre liberdade de expressão e censura nas redes sociais: ‘Quanto mais sabem sobre nós, mais podem moldar e controlar’” (10 de setembro de 2024).

ou mesmo o corpo do texto estão incompletos; retirar parágrafos em branco a mais, acrescentados sem intenção pelo próprio programa; e conferir as legendas das fotografias.

Para além de tudo isto, é importante também atentar-se no conteúdo, para nos certificarmos de que não há informações incorretas na notícia, e pelo menos tentar confirmar certos dados, nomeadamente nomes de pessoas, datas comemorativas e de momentos históricos, termos científicos, entre outros.

Procurei fazer com que o meu processo de trabalho fosse o mais organizado possível, de forma a ser mais eficiente. Para isso, recorri a determinados métodos.

Fui optando por fazer a revisão das notícias quando elas fossem lançadas no *site*. Como explicado acima, o revisor poderia tocar nos textos quando eles apresentassem a indicação de *published-inactive*, mostrando que o jornalista já o teria terminado. No entanto, não era sempre que essa etiqueta era colocada nas entradas nem no documento partilhado pelos editores, então poucos foram os textos revistos antes da sua publicação. Para além disso, o volume de notícias lançadas é muito grande, deixando-me com tempo reduzido para antecipar as revisões.

Por esta razão, utilizava a página “Últimas” do *site* do *Expresso* para ler as notícias e proceder à revisão. Ao longo do dia, quando estava a par das restantes, atualizava a página para ver as publicações assim que elas saíam. Todos os dias, após chegar à redação, abria os artigos que tinham sido lançados desde a hora final do meu expediente no dia anterior até ao início no dia seguinte.

Para estruturar o trabalho a fazer, e aproveitando um recurso disponível nos navegadores de internet, organizava os separadores das notícias em grupos de acordo com os dias em que foram lançadas. Este sistema era vantajoso à segunda-feira, na medida em que me competia a revisão dos artigos publicados desde sexta-feira ao final da tarde até a manhã de segunda. Ocasionalmente, optei por organizar as notícias em grupos de separadores de acordo com o tema, e não dia de publicação. Dado que frequentemente existem grandes assuntos que marcam determinados dias/semanas, tornar-se-ia mais fácil ler os artigos de forma cronológica, para não ficar perdida no conteúdo e poder fazer alterações mais adequadas acerca dos tópicos, caso surgissem.

O outro método de organização, mais significativo, foi um apontamento completo das revisões que realizei ao longo dos três meses de estágio. Inicialmente elaborei esse registo num caderno, mas como rapidamente fiquei sem espaço suficiente, o ideal seria

passar esses dados para uma folha *Excel*, de maneira a ter tudo centralizado e para um uso mais eficiente e rápido (ver anexo 7). Escolhi fazer esta organização por dois motivos. Primeiro, para me ajudar mais tarde na elaboração deste relatório, com apontamentos e detalhes. Segundo, para ter uma prova do meu trabalho para mostrar aos meus orientadores. Por ser uma atividade rápida e numa grande quantidade de notícias, pode passar despercebida. Por isso julguei importante manter os apontamentos organizados.

Nesta folha *Excel* desenvolvi uma tabela com colunas que me pareceram adequadas e pertinentes. Começando pelo registo do mês e data específica em que a revisão se realizou, segue-se o título da notícia e o autor. Esta última categoria foi conveniente para, mentalmente, estabelecer conexões e perceber se existia algum padrão num jornalista ou marca específica. Identifica-se de seguida o tipo de texto, podendo ser uma notícia, um artigo de opinião, uma *newsletter* ou uma síntese de um *podcast*. Na coluna ao lado registo se foi um texto na sua forma publicada, antes de ser lançado ou se estava em atualização. Quando se trata de notícias de última hora sobre as quais ainda não existem todas as informações, estas são habitualmente assinaladas como “em atualização” no *site*, para que o leitor saiba que eventualmente vão sofrer alterações. Aponto a data de publicação da notícia, pois regularmente fazia a revisão das notícias num dia diferente do lançamento, no caso dos fins de semana, por exemplo, e também o *link* correspondente ao *site*, para facilitar o acesso se porventura precisasse de voltar a ela. Nas duas últimas colunas assinalava se a notícia continha erros, e fazia um apontamento de quais modificações eram realizadas.

Este método foi indispensável para o meu trabalho. Permitiu-me identificar quais os erros mais comuns no jornal, de maneira geral e também especificamente em jornalistas, secções ou marcas, algo a ter em conta nas futuras revisões dos seus textos.

Os recursos mais utilizados ao longo do período de estágio foram dicionários, tanto *online*, em especial o “Infopédia” e o “Priberam”, como físico, especificamente o “Grande Dicionário da Língua Portuguesa” da Porto Editora. Um portal bastante útil é o “Ciberdúvidas da Língua Portuguesa”, para esclarecer dúvidas que surgiam, principalmente relacionadas com os acordos ortográficos. Um instrumento mais invulgar, mas importante e consultado, é o Código de Redação Interinstitucional da União Europeia. Este documento é o guia de estilo no domínio da escrita para as instituições da União Europeia, e procura uniformizar a grafia dos nomes dos países, capitais e nacionalidades.

Houve alguns grandes temas durante os três meses de estágio. Os conflitos Israel-Palestina/Líbano e Rússia-Ucrânia foram uma constante presença nas notícias, com a elaboração de pelo menos um resumo diário para reunir num só texto os acontecimentos mais significativos do dia. Creio que este tipo de peças foi descontinuado a favor do “Expresso Fundamental”, mencionado anteriormente, que é atualizado ao longo do dia com comunicações marcantes.

As eleições presidenciais nos Estados Unidos da América foram um tema que deu que falar durante o estágio, desde os debates entre os dois candidatos, as suas campanhas e os estados fundamentais para a decisão, até às eleições propriamente ditas e às nomeações de Donald Trump para a sua equipa. Eleições não aconteceram apenas nos Estados Unidos. Também outros países, nomeadamente a Geórgia, a Macedónia, a Roménia e Moçambique, foram a votos, resultando em dezenas de manifestações, algumas deveras violentas, espalhadas pelos seus territórios.

Desastres naturais também tiveram grande presença, em particular os furacões “Helene” e “Milton” que atingiram o sudeste dos Estados Unidos, e as cheias em Valência, que mataram centenas de pessoas e destruíram várias regiões da cidade.

A nível nacional, os maiores assuntos foram sem dúvida o Orçamento do Estado para 2025, as etapas até à sua aprovação, e a morte de Odair Moniz, baleado por um agente da PSP, e os consequentes tumultos e protestos que se deram por cidades do distrito de Lisboa.

3.2.2. Jornal impresso

O jornal impresso resulta de um processo relativamente diferente da sua versão *online*. Utiliza programas distintos e também é trabalhado por outras equipas. Conforme descrito na secção acerca da composição do jornal, reforço que o semanário atualmente inclui a Revista E, o primeiro caderno, o Ideias e o caderno de economia. Existe uma equipa de gráficos e designers responsáveis pela paginação do jornal, um conjunto de editores e coordenadores, e um grupo de *copydesks*, composto por revisores e um editor de fecho.

Editores e coordenadores são responsáveis ou pela revista ou pelo jornal. O caderno de cultura da revista, por sua vez, tem um coordenador responsável por cada

secção que o compõe, sendo estas literatura, cinema, televisão, música, teatro, dança e exposições.

Os diferentes elementos do semanário fecham em dias distintos, para tentar ter uma maior organização. A Revista E fecha à segunda-feira, o caderno de economia à quarta-feira, e o primeiro caderno e o Ideias fecham à quinta-feira.

Às sextas-feiras, dia em que o jornal é colocado à venda, é também disponibilizada uma versão digital deste, apenas disponível para subscritores ou detentores do código presente na capa da revista da semana.

O trabalho na versão impressa do jornal concentra-se no *WoodWing Studio*, uma plataforma que condensa as publicações e é acessível a todos os envolvidos no jornal, incluindo jornalistas, gráficos, revisores, editores, etc. Este programa conecta-se com o *Adobe InDesign* e o *Adobe InCopy*, utilizados pelos designers e revisores, respetivamente. Abordarei estes dois *softwares* à frente.

Por ser uma plataforma operada por diversos profissionais, foi determinado um esquema de etiquetas e cores para organizar as tarefas, para além de uma ordem lógica de trabalho. Existem cinco cores para identificar a fase atual de uma página. Primeiro, a página encontrar-se-á a cinzento, mostrando que está paginada e pronta para receber o texto do jornalista. Passará a vermelho quando já tiver o texto e estiver numa fase de edição, em que se podem fazer alterações ao conteúdo. Quando é dada como pronta, a cor muda de vermelho para azul, sinalizando aos revisores que têm autorização para ler e corrigir o texto. Revista, a página passa a verde-claro. Os gráficos imprimem a página completa e entregam ao editor de fecho, neste caso o Rui Tentúgal, para que ele a aprove. Ele faz uma última leitura, para verificar que não passaram erros, confirma se os itálicos e negritos estão corretos ou se há algum em falta, e certifica-se que as legendas das fotografias, esquemas, destaques, entradas e títulos estão corretos. Caso seja necessário efetuar alterações deste estilo, são indicadas aos gráficos. Aprovada pelo editor de fecho e pelo diretor, a página termina a verde-escuro, estando pronta para ser publicada e enviada para a gráfica.

Para garantir que não há nenhuma confusão e alterações em cima de alterações, a plataforma não permite que mais do que uma pessoa esteja na mesma página. Quando um gráfico pretende fazer uma modificação numa folha e se encontra alguém nela, seja um

revisor, editor ou jornalista, pede que tal pessoa feche a página e a liberte. Assim será reduzido qualquer problema de comunicação que possa existir.

Em adição ao *WoodWing Studio*, também se recorre ao *Adobe InCopy*, um *software* de escrita e edição de texto. Este foi um programa que nunca utilizei, devido ao facto de o meu orientador preferir o manuseio da plataforma anteriormente descrita. Porém, nos momentos em que acompanhei o trabalho de dois dos *copydesks*, Margarida Parreirão e Miguel Pereira, pude observar como funciona o programa e a sua utilidade. O *InCopy* permite aos revisores e editores efetuarem uma formatação dos textos e fazer modificações nos documentos. Os designers e gráficos utilizam maioritariamente o *Adobe InDesign*, *software* utilizado para a diagramação e paginação do material impresso.

Durante a primeira semana acompanhei o trabalho no jornal impresso por parte do meu orientador, para poder entender o processo e os desafios que se enfrentam. Também consegui assistir por uma tarde ao trabalho da revisora Margarida Parreirão.

Os *copydesks* têm um grupo na aplicação *Whatsapp* onde comunicam constantemente, de forma a esclarecer dúvidas, determinar regras de uniformização e informar quais páginas estão a ser lidas e por quem. No início do estágio o meu orientador adicionou-me ao grupo, uma vez que iria trabalhar com esses profissionais. Apesar de pouco ter realmente feito no jornal impresso, foi curioso entender como a equipa opera.

Em consequência de mudanças internas no jornal, nomeadamente uma alteração de gráficas responsáveis pela sua impressão e atualização de sistemas utilizados na produção, que provocaram algumas limitações temporais, não me foi possível trabalhar tanto nas publicações impressas quanto havia ficado acordado no plano de atividades elaborado antes do início do estágio. A mudança de gráficas deu-se em virtude do encerramento da anterior, tendo o jornal passado a ser impresso em Espanha, o que provocou alterações nos dias e horas de fecho. Houve uma pequena reestruturação interna para adaptar a nova logística, alterando dias de trabalho presencial e remoto de membros da equipa, editores e coordenadores das publicações.

Para além disso, a própria plataforma para a elaboração das publicações impressas e o sistema de autenticação geral sofreram uma atualização, o que levou a problemas de acesso frequentes durante um tempo e impossibilidade de aceder certos dias. O meu orientador Rui teve de proceder também a essa adaptação de horários de fecho e

atualizações de sistema, tendo ficado com tempo limitado para me poder ensinar como se trabalha na plataforma e transferir-me as responsabilidades de revisão.

Apesar destes fatores, tive a oportunidade de participar na elaboração e revisão de uma das edições do jornal impresso, especificamente o fecho do primeiro caderno e do caderno Ideias do semanário do dia 29 de novembro (ver anexo 8).

Com os novos horários e dias de fecho, devem ser fechadas 24 páginas até às 14 horas, e as restantes 24 até às 18 horas. Em consequência de demoras na entrega de textos, pedidos de modificação, entre outros aspetos, a entrega desse número de páginas acaba por se atrasar, como pude verificar nesse dia.

O processo seguiu conforme descrito anteriormente, de acordo com a ordem habitual de trabalho. Acompanhando o trabalho do editor de fecho, os textos já nos chegavam revistos pelos *copydesks*, sendo necessário fazer uma última leitura para acertar pormenores, verificar se a formatação estava correta, e validar os títulos, entradas, destaques e legendas de fotografias, de forma a serem mais compreensíveis, sem repetições, e dando os créditos apropriados.

A falha nesse dia deu-se num dos textos da secção de política, cuja entrega foi atrasada pelo pedido do jornalista para efetuar uma alteração. Essa solicitação deu-se perto da hora de fecho do jornal e foi aceite, tornando-se a única página que faltava para entregar a publicação. Quando o texto foi novamente submetido, inevitavelmente passou por uma nova revisão por parte de um *copydesk* e uma última leitura pelo editor de fecho, para se confirmar que a paginação continuava ajustada. Por essa falta de tempo não foi possível realizar uma revisão minuciosa, sendo crucial, então, confiar no trabalho do jornalista. No meu entender, esta é uma situação comum, e que frequentemente contribui para os eventuais atrasos no fecho do jornal impresso.

3.3. O trabalho do revisor

O trabalho de um revisor de texto é fundamental em todos os mercados em que este seja o principal veículo de informação. Um conteúdo, seja ele uma notícia, um livro, um cartaz, etc., é tido em maior consideração se o leitor entender que existiu cuidado na sua produção. A reputação de determinadas fontes pode ser posta em causa pela forma como está redigida.

Um revisor não “faz magia”, não é infalível. Inevitavelmente não lhe é possível detetar algum erro. Mas é certo que, se uma notícia passar por uma revisão, sairá para publicação mais limpa. Uma revisão mesmo que mínima será melhor do que nenhuma.

Os avanços tecnológicos trouxeram consigo benefícios e prejuízos aos revisores. Por um lado, determinadas ferramentas podem auxiliar o trabalho deste profissional, como os detetores automáticos de erros, nomeadamente de ortografia. Por outro lado, encaram-se estes avanços por vezes como uma possível e fácil substituição do trabalho do revisor. Se a máquina consegue fazer esta tarefa mais rapidamente do que um humano, talvez não haja necessidade de este desempenhar essa função. Aliando a “eficácia” e rapidez à redução de custos causada pela dispensa de profissionais, acredita-se ter a combinação perfeita.

Contudo, estes desenvolvimentos digitais não conseguem substituir o trabalho de um humano por completo. Se observarmos particularmente no caso da variedade de português de Portugal, os programas encarregues de fazer essa revisão automática não dão conta de corrigir na totalidade os erros ortográficos, questões de concordância, coesão e coerência e formatação.

No caso específico do que verifiquei no *Expresso*, as plataformas utilizadas para a redação e publicação de notícias, nomeadamente o *Backoffice* e o *WoodWing Studio*, não estão equipadas para fazerem uma revisão completa e minuciosa dos textos. No programa *Studio* textos que ultrapassem um determinado número de caracteres deixam de ter revisão automática. O trabalho de um revisor continua a ser bastante importante.

Esta não pode ser uma função unicamente desempenhada pelos próprios jornalistas ou pelos editores. Estes últimos terão dezenas de textos para ler e escolher, e são ainda os responsáveis, juntamente com os coordenadores, de organizarem o cronograma de publicação diário/semanal. Logo, não é esperado que caia sobre eles a responsabilidade de rever rigorosamente as notícias.

Em relação aos jornalistas, a partir de um ponto no trabalho de um texto, deixa de se ver os erros que nele se encontram. Passam mais facilmente despercebidos. Por esse motivo, por mais que seja feita uma segunda leitura do documento (muitas vezes percebe-se que nem essa acontece), o trabalho de uma pessoa externa ao artigo é fulcral, e é nesse momento que entram os revisores.

Atualmente o revisor de texto enfrenta mais uma batalha com um novo inimigo: a inteligência artificial (IA). Empregos e trabalhadores nas áreas de edição, revisão e tradução estão a ser postos em causa pela rápida emergência e utilização acelerada da IA. Cada vez mais a inteligência artificial é usada para desempenhar tarefas que correspondiam a profissionais, e o resultado nem sempre é o mais indicado.

No caso dos jornais, normalmente não se colocará em causa a questão da elaboração dos textos. Certamente nenhum jornalista recorrerá à IA para escrever os seus artigos. No entanto, fotografias, traduções e revisões poderão ser resultado desses programas, pondo em causa a credibilidade da fonte.

Revisões feitas com recurso à inteligência artificial apresentam múltiplas limitações. A IA tem uma falta de contexto e sensibilidade, não reconhecendo nuances culturais e idiomáticas ou de humor e ironia, o que pode prejudicar a qualidade do texto e desviar da intenção original do autor, seja em notícias ou artigos de opinião.

Para além disso, em diversos casos, a IA pode introduzir novos erros, sugerindo mudanças equívocas ou irrelevantes, aliadas às limitações no que consta à variedade em questão. Por maior parte da informação na internet em português estar escrita de acordo com a variedade de português do Brasil, a IA é alimentada sobretudo com essas normas. Há uma escassez no que toca ao português de Portugal de maneira geral em programas digitais, como mencionado. Esta carência pode causar uma série de falhas nas revisões ou elaborações de textos. Por essa razão, é imprescindível que revisores humanos façam parte dos processos.

4. EXPERIÊNCIA

4.1. Erros mais comuns

No decorrer do estágio, foi possível começar a perceber alguns padrões. Qual a marca ou autores que escreviam de maneira mais “limpa”, que não necessitavam de tantas correções, e também o contrário, quais requeriam uma atenção maior.

De maneira geral, a marca com os textos que mais frequentemente não mereciam nenhuma modificação era a Blitz. Embora as suas notícias sejam maioritariamente compostas por textos mais pequenos, logo com menos probabilidade de erro, mesmo as

entrevistas ou peças críticas acerca de um álbum ou concerto raramente apresentavam erros.

A utilização da folha de *Excel* como apontamento das revisões também me permitiu notar melhor os padrões de erros. Uma grande parte dos lapsos verificados prendia-se com a ortografia, palavras escritas incorretamente. Dependendo de onde o próprio jornalista escrevia o rascunho da sua notícia, estes erros nem sempre eram evidenciados, passando para a versão final do texto e sendo publicados. Também era frequente encontrar em falta palavras como “de”, “que” e artigos definidos e indefinidos. Em títulos poderá justificar-se a falta de artigos ou outros elementos gramaticais, em virtude de existir um limite de caracteres que o jornalista procura não exceder. Em texto devem estar presentes, e era comum encontrar falhas.

Erros de pontuação e acentuação são igualmente constantes, com vírgulas em excesso ou em falta, e acentos por colocar. Uma das normas estabelecidas no jornal é a não utilização de pontos finais no final das entradas, portanto esse era uma característica a ter em atenção ao rever uma notícia. Ocasionalmente surgiam citações sem aspas a fechar ou abrir, sendo preciso acrescentá-las. Os nomes de tempestades, navios, animais, etc., encontram-se entre aspas. Presumo que este facto não é tão conhecido pelos jornalistas, surgindo de diferentes maneiras nos textos, cabendo ao revisor uniformizar esse uso.

Verificar se a formatação das notícias corresponde ao habitual e pedido no jornal também é uma tarefa no âmbito da revisão. Nas entrevistas os destaques têm aspas, apesar de nem sempre serem colocadas, e a pergunta é colocada a negrito com a resposta colada a si. O uso de itálicos é uma questão “controversa”, que elaborarei à frente, e do mesmo modo alvo de análise.

Certos erros justificam-se com um pouco de distração. Por exemplo, em numerosos casos, conseguimos perceber claramente que o equívoco se deu por um deslize no teclado. Pretendia-se escrever uma letra, mas sem intenção carrega-se numa outra tecla perto, substituindo uma letra ou acrescentando-a, criando palavras como “aque” ou “dod”, ao invés de “que” e “dos”, respetivamente.

Outro lapso do mesmo género que encontramos frequentemente são repetições. Seja repetições seguidas de palavras, por exemplo “que que” e “ainda ainda”, seja de frases inteiras. Nesta última circunstância é nítido quando, num primeiro rascunho, se escreveu um parágrafo numa determinada posição no texto, e mais tarde se mudou de ideia, optando por colocá-lo noutra sítio, esquecendo-se por vezes de apagar o original³.

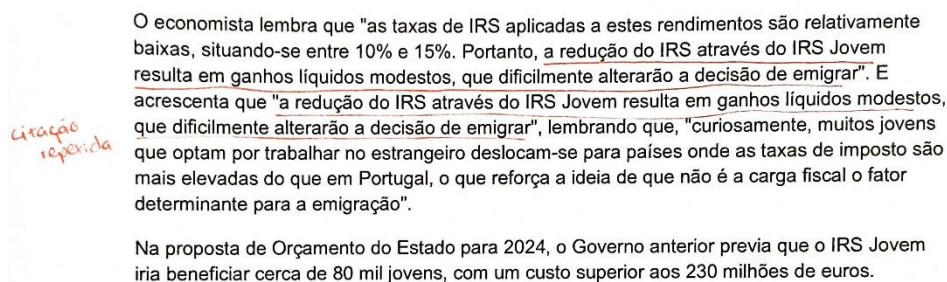


Figura 3 – Notícia com citação repetida

Equívocos que, a meu ver, são mais graves, incluem títulos, entradas e até mesmo notícias incompletas. Encontrei casos de cada um destes tipos, e penso que seja um pouco crítico deixar passar algo assim.

O título por terminar deveu-se ao limite de caracteres nesse espaço, publicado sem se aperceberem. Depois de alertado, um dos editores sugeriu um novo título de modo a encaixar toda a informação dentro dos limites⁴.

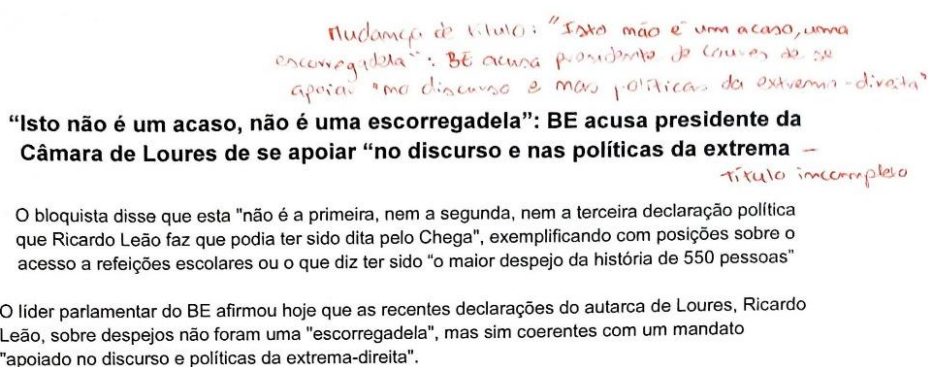


Figura 4 – Notícia com título incompleto

³ Exemplo da figura 3 retirado de: Gonçalo Almeida, "IRS Jovem depois de propostas e contrapropostas: quais as vantagens e desvantagens da medida?" (8 de outubro de 2024).

⁴ Agência Lusa, "'Isto não é um acaso, uma escorregadela': BE acusa presidente de Loures de se apoiar 'no discurso e nas políticas da extrema-direita'" (4 de novembro de 2024).

No caso da entrada não terminada comuniquei imediatamente aos supervisores, tendo um deles completado a frase sem necessidade de falar com a autora do artigo, uma vez que facilmente se chegou à ideia correta⁵.

Pedro Nuno Santos: “Comunicado do PM revela falta de vontade de negociar e de criar bom ambiente negocial”

Depois das trocas de comunicados entre PS e Governo sobre o Orçamento, o líder do PS criticou de viva voz o primeiro-ministro, acusando-o de uma “provocação infantil”. Em visita a áreas ardidas, Pedro Nuno Santos avisou que “é preciso perceber o que correu mal” nos incêndios da caixa alta incompleta

Na manhã seguinte à troca de comunicados entre o PS e PSD sobre as reuniões orçamentais, Pedro Nuno Santos voltou ao ataque. “O comunicado do primeiro-ministro revela falta de vontade de negociar e de criar um bom ambiente negocial”, atirou o líder do PS na manhã desta segunda-feira na sequência de uma visita à área ardida em Oliveira de Azeméis. E acrescentou: “A consequência do comunicado é a criação de um facto político que desvia a atenção mediática dos problemas reais das populações como os incêndios”. O líder socialista voltou a vincar a responsabilidade do PS na elaboração do Orçamento do Estado (OE) para 2025 apresentado pelo

Figura 5 – Notícia com entrada incompleta

A notícia incompleta, originalmente da Lusa, havia sido publicada há aproximadamente 15 minutos, e lendo apenas as primeiras palavras entendia-se que faltava algo. Verificando o histórico de alterações da entrada, não me foi possível localizar o resto do texto, tendo sido necessário contactar os editores, que prontamente procederam a fazer a modificação⁶.

Google cria modelo de previsões meteorológicas mais fiáveis, com ajuda de IA

Investigadores da empresa Google DeepMind desenvolveram um modelo de aprendizagem automática capaz de desenvolver previsões meteorológicas probabilísticas fiáveis, baseadas no clima atual e futuro

Atualmente a previsão de médio prazo com melhor desempenho a nível mundial - descobriram que o GenCast superou o ENS em 97,2% dos 1.320 alvos utilizados.

O GenCast é também mais eficaz na previsão de condições meteorológicas extremas, trajetórias de ciclones tropicais e produção de energia eólica.

Os autores defendem que o GenCast pode gerar previsões meteorológicas mais eficientes e eficazes para apoiar um planeamento eficaz.

Notícia incompleta

Figura 6 – Notícia incompleta

Excetuando este último caso, em que o erro está literalmente no corpo da notícia, os lapsos mencionados encontram-se em constituintes fundamentais e evidenciados para os leitores, pois o primeiro e segundo contacto que este tem com o artigo é o título e a

⁵ Margarida Coutinho, “Pedro Nuno Santos: ‘Comunicado do PM revela falta de vontade de negociar e de criar bom ambiente negocial’” (23 de setembro de 2024).

⁶ Agência Lusa, “Google cria modelo de previsões meteorológicas mais fiáveis, com ajuda de IA” (5 de dezembro de 2024).

entrada. Estas falhas poderão mostrar alguma falta de rigor, e podem levar o leitor a optar por outra fonte de informação.

A maioria dos erros encontrados e aqui apresentados seriam facilmente evitáveis caso existisse uma segunda leitura por parte de quem escreveu o texto. No entanto, muitas notícias são escritas de forma rápida, para que sejam publicadas assim que terminadas. Nem sempre existe essa releitura, ficando na responsabilidade do revisor, quando existe, ou dos editores, que acabam por não conseguir realizar essa tarefa.

4.2. Exemplos de revisões

A primeira notícia em que me foi concedido acesso para efetuar as alterações diretamente no *Backoffice* foi “O conflito Israel-Palestina: uma história de séculos e a escalada recente”, de Francisco Cudell⁷. Por ser um texto com teor histórico e relativamente grande, observavam-se inconsistências no que toca à utilização do novo acordo ortográfico. A palavra “Egito” tanto se encontrava escrita dessa maneira, como “Egipto”, sendo aliás esta última forma a mais comum no texto. Com o Acordo Ortográfico de 1990, Egito passou a escrever-se sem o [p], por isso esse pormenor foi corrigido.

Outra modificação substancial deu-se nas nacionalidades, que o autor escrevia ora com letra inicial maiúscula, ora com minúscula. De forma a entender como se procedia nestas situações neste jornal em específico, esclareci com os editores que o correto seria escrever sempre em minúscula. Logo, procurei uniformizar também esse ponto.

Paralelamente, além de ter assinado um acordo com os **Judeus** e outro com os **Árabes**, a Grã-Bretanha assina também um acordo secreto com os **Franceses**, aceitando que estes fiquem com o Líbano, Síria e norte do Iraque. Terá sido este o princípio do caos a que hoje assistimos?

Em 1947, a ONU apresentou uma proposta de partilha da região, recomendando a criação de dois Estados, um judeu e um árabe, enquanto Jerusalém ficaria sob administração internacional devido à sua importância religiosa. Os judeus aceitaram a proposta, vendo nela uma oportunidade para estabelecer um Estado próprio, mas os árabes rejeitaram-na, considerando-a injusta e insuficiente para os seus interesses, mesmo ficando com mais de 95% do território.

A 14 de maio de 1948, David Ben Gurion assinou a Declaração de Independência do Estado de Israel, marcando o nascimento do primeiro Estado judeu em dois milénios. Contudo, a reação foi imediata. No dia seguinte à declaração de independência, uma coligação de países árabes, incluindo **Egipto**, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque, lançou uma invasão a Israel.

A invasão árabe visava impedir o estabelecimento de Israel e, na sua visão, defender os interesses dos **palestinianos**. No entanto, as forças israelitas, embora numericamente inferiores e mal equipadas, conseguiram não só resistir ao ataque, mas também expandir o território que lhes fora atribuído no plano de partilha da ONU. A guerra resultou na *Nakba*, ou seja o êxodo de cerca de 700 000 refugiados palestinianos

Ana Marta Gouveia
3:10 PM Sep 11
Nacionalidades com letra maiúscula

Ana Marta Gouveia
3:13 PM Sep 11
Egipto vs Egito - aparece escrito das duas maneiras

Figura 7 – Revisão de “O conflito Israel-Palestina: uma história de séculos e a escalada recente”

⁷ Francisco Cudell, “O conflito Israel-Palestina: uma história de séculos e a escalada recente” (11 de setembro de 2024).

Um dos textos mais complicados de rever foi “12 de setembro, início da situação revolucionária do 25 de Abril”, escrito por Eduardo Pires e Mário Tomé⁸ (ver também anexo 9). Por ser um artigo de opinião, os editores, e principalmente os revisores, têm limites quanto ao que se pode alterar. No caso desta peça, encontrávamos várias frases complicadas de entender, construções que poderiam ser mais simples e tornavam o texto mais fácil de ler para o leitor. Porém, por ser de opinião, as instruções dadas deixavam claro que, exceto se se verificasse algum erro de conteúdo, como uma data ou nome errado, não se fazem modificações grandes.

No final, alterei o que podia e precisava de ser modificado, procurando acrescentar sinais de pontuação, nomeadamente vírgulas, para tornar o texto mais legível. Com o auxílio e aprovação da *copydesk* Margarida Parreirão, foram efetuadas correções no conteúdo, em datas, construções de frases redundantes, e o texto foi também adaptado ao Acordo Ortográfico de 1990, a norma no *Expresso*. Tendo em conta que os autores do artigo não deram indicação de que preferiam escrever com o antigo acordo, essas alterações tiveram também de ser feitas.

A manifestação em Lisboa pôs em pânico a grande burguesia rentista, especuladora, terratenente, numa palavra exploradora brutal, a classe que sustentava o fascismo e que dele se servia! E que, de uma forma geral, em boa parte, se pôs a milhas seguindo a rota dos seus mais altos representantes políticos que, esses, foram enviados para um cómodo exílio.

O 12 de Setembro marcou de tal forma a situação revolucionária que Spínola se viu obrigado a convocar a manifestação da Maioria Silenciosa, juntando toda a escumalha fascistoide e populares sob influência da Igreja e do credo patronal.

Apesar de ^{derrotado}derrotada pela oposição clara do MFA e pela mobilização popular que a reduziu à insignificância, tal não dissuadiu Spínola de tentar outro golpe em 11 de Março de 1975, de novo no seguimento duma grandiosa manifestação contra a NATO, com porta-aviões fundeado no Tejo, convocada, em 7 de Fevereiro, pela Inter-Comissões, organismo agregador das várias Comissões de Trabalhadores; de novo os soldados se recusaram a reprimir os manifestantes ao grito de “Soldados Sempre ao Lado do Povo”.

O dia 12 de Setembro e a desobediência do proletariado da Lisnave às ordens do MFA, armadas, deve ser lembrado como o cerne do movimento revolucionário independente, com os soldados ao lado do povo, libertados da hierarquia. Nada que os capitães não tivessem inaugurado!

Figura 8 – Revisão de “12 de setembro, início da situação revolucionária do 25 de Abril”

Duas notícias escritas por um correspondente espanhol em Madrid tiveram pequenos erros interessantes. Não tendo a certeza se o texto foi originalmente escrito em espanhol e depois traduzido, ou se o autor, espanhol, o escreveu em português, foram

⁸ Eduardo Pires e Mário Tomé, “12 de setembro, início da situação revolucionária do 25 de Abril” (12 de setembro de 2024).

encontrados dois equívocos em que claramente se entendia a influência do primeiro idioma. Na peça “Exílio do candidato da oposição venezuelana vale críticas ao Governo espanhol”, um parágrafo começa com “Para surpresa general [...]”, como se escreveria no idioma castelhano, em lugar de “para surpresa geral”⁹ (ver também anexo 10).

Para surpresa general
Para surpresa general, a dupla González-Machado arrasou nas urnas em julho, conforme certificou a Plataforma Unitária Democrática (PUD) ao publicar numa página da Internet criada *ad hoc* as atas da grande maioria das mesas de voto, obtidas graças à mobilização de cerca de um milhão de observadores voluntários. Os responsáveis por este grupo opositor asseguram que o cômputo dessas atas, correspondentes a 80% das mesas, revelam que **González foi a escolha de mais de 70% dos eleitores.**

Figura 9 – Revisão de “Exílio do candidato da oposição venezuelana vale críticas ao Governo espanhol”

Na notícia “Máscaras, futebol e Venezuela: caso que envolve Nuno Rebelo de Sousa chega muito perto de Sánchez”, encontramos a expressão “[...] entre outras cosas [...]”¹⁰. “Coisas” seria a forma correta de escrever, e poderia ser apenas um deslize, verificado em tantos outros textos, mas conhecendo a língua materna do jornalista rapidamente se percebe a razão do equívoco. Dois erros pequenos, a meu ver interessantes por mostrar a influência do contexto dos jornalistas estrangeiros, havendo vários a escrever para o *Expresso*.

Trama que envolve filho de Marcelo chega muito perto de Pedro Sánchez

(mudou título: Máscaras, futebol e Venezuela; caso que envolve Nuno Rebelo de Sousa chega muito perto de Sánchez)

Nuno Rebelo de Sousa aparece nas investigações como possível sócio num futuro negócio de bombas de gasolina. Principal suspeito é o antigo número três dos socialistas, até há pouco um homem da máxima confiança do primeiro-ministro espanhol

Vai ser muito difícil o chamado “caso Koldo” não salpicar gravemente o Governo espanhol e o respetivo chefe, num escândalo de corrupção conhecido desde o ano passado e que nos últimos dias ganhou novos contornos judiciais. José Luis Ábalos, de 62 anos, que foi ministro do Fomento entre 2018 e 2021 e número três do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE, centro-esquerda) está prestes a ser acusado de ter beneficiado de uma complexa trama corrupta que, entre outras coisas, lucrou durante a pandemia ^{coisas} de com a venda de máscaras a entidades oficiais, cobrando preços excessivos ou exigindo onerosas comissões.

Figura 10 – Revisão de “Máscaras, futebol e Venezuela: caso que envolve Nuno Rebelo de Sousa chega muito perto de Sánchez”

⁹ Ángel Luis de la Calle, “Exílio do candidato da oposição venezuelana vale críticas ao Governo espanhol” (10 de setembro de 2024).

¹⁰ *Id.*, “Máscaras, futebol e Venezuela: caso que envolve Nuno Rebelo de Sousa chega muito perto de Sánchez” (14 de outubro de 2024).

De maneira geral, das quase 3000 notícias revistas durante todo o estágio, mais de metade apresentava pelo menos um erro. Uns maiores e mais graves que outros, é certo. Por vezes, apenas faltava um ponto final ou uma vírgula. Eventualmente, erros na composição das frases tornavam o texto um pouco difícil de ler.

A notícia com mais erros verificados foi “Oktoberfest à portuguesa: 10 sugestões para celebrar a grande festa da cerveja”, da rubrica Boa Cama Boa Mesa¹¹ (ver também anexo 11). De 13 erros, dez foram de ortografia, dois de repetição de palavras, e um de falta de caixa alta no início da frase. Portanto, equívocos facilmente evitáveis através de uma segunda leitura ou da utilização de um programa que de facto detetasse os erros. Este género de lapsos prejudica a leitura, especialmente se se verificarem em grande quantidade. O texto vai ficando mais desagradável para o leitor a cada engano. Por isso é tão importante existir uma revisão.

Oktoberfest, tradição no Algarve

Como já manda a tradição no ^{Algarve} Algrave, o Vila Vita Biergarten, em Porches, veste-se a rigor para voltar a receber o Oktoberfest. As celebrações começaram no final de setembro e prolongam-se até dia 6 de outubro. O ambiente festivo e típico da festa da cerveja, originária da Alemanha, é recriado a rigor, neste verdadeiro “Jardim da cerveja”, com muita animação e uma ementa repleta de sabores da Baviera, servida nas habituais mesas corridas. A weissbier da Erdinger - uma das mais conceituadas cervejarias alemãs e parceira do evento - é um dos destaques do festival, a par da ^{autenticidade} cerveja artesanal produzida pelo resort Vila Vita, uma pilsner de nome “Porches”. As várias ^{cervejas} cerevjas, à ^{pressão} pressão ou em garrafa, são servidas ao som de música ao vivo da habitual banda típica vinda propositadamente da Baviera para recriar a atmosfera original. A festa no Vila Vita Biergarten começa diariamente às 17h00 (encerra este dia 1 de outubro). Domingo o recinto abre às 13h00. A entrada é livre.

Figura 11 – Revisão de “Oktoberfest à portuguesa: 10 sugestões para celebrar a grande festa da cerveja”

Em relação à formatação, a plataforma adiciona acidentalmente parágrafos em branco a mais, criando um espaço supérfluo no final da página, ou junta palavras. É também papel do revisor prestar atenção a esses pormenores. Abaixo apresento um exemplo desses lapsos¹².

“Podemos pedir a utilização dos apartamentos conjugais, para estarmos com a nossa mulher durante uma hora”, explica Pedro. É o regime de visitas íntimas que o regulamento da prisão prevê.

Figura 12 – Revisão de “A vida na prisão de Vale de Judeus: ‘O melhor é cumprir as regras, não arranjar chatices, não pensar e esperar que o tempo passe’”

¹¹ Boa Cama Boa Mesa, “Oktoberfest à portuguesa: 10 sugestões para celebrar a grande festa da cerveja” (1 de outubro de 2024).

¹² Amadeu Araújo, “A vida na prisão de Vale de Judeus: ‘O melhor é cumprir as regras, não arranjar chatices, não pensar e esperar que o tempo passe’” (10 de setembro de 2024).

Em três ocasiões foi-me solicitada a alteração de uma frase num artigo na versão digital e impressa. Recebia o pedido do jornalista ou comentador através do meu orientador, que me indicava qual a notícia e que parte deveria ser alterada. Esta alteração podia incluir algo de conteúdo, que o jornalista deu como errado numa fase de releitura, ou acrescentar uma frase ou palavra.

Um caso interessante a mencionar foi o artigo “Cinema: Dois filmes de Pedro Costa separados por quase 30 anos encontram-se agora no cinema” de Francisco Ferreira¹³. O pedido do autor relacionava-se com a última frase do texto. Onde anteriormente estaria escrito “Entra e sai do filme sem dizer palavra.”, era pedido que se acrescentasse a palavra “quase”, resultando em “Entra e sai do filme quase sem dizer palavra.”. Por ser uma notícia que seria lançada na revista impressa, alterei o necessário no *Backoffice*, para que no digital saísse corrigido, e informei um dos gráficos de que existia essa modificação, de modo a acrescentar a palavra no *WoodWing Studio* e sair correto na versão impressa.

4.3. Dificuldades encontradas

A maior dificuldade encontrada durante o estágio foi a falta de uniformização em alguns aspetos pertinentes na revisão dos textos. Pela inexistência de um livro de estilo ou um guia interno que possa ditar as regras e com o qual nos possamos orientar, acabamos confrontados com situações em que não sabemos como proceder com a revisão. Por ser um obstáculo geral, os próprios jornalistas têm dificuldades em conhecer as especificidades, cabendo ao revisor a tarefa de padronizar os textos.

Para contornar isto, os editores, maioritariamente do *online*, registam atualmente num documento *Word* propriedades a ser tidas em conta no que toca a tópicos específicos, como por exemplo formatação, títulos e entradas, o uso de maiúsculas, siglas, numeração, vernáculo e erros comuns de léxico e sintaxe. Ainda assim, este documento, que me foi fornecido no início do estágio, é um guia relativamente incompleto e no qual não são abordados todos os parâmetros apropriados.

Esta falta de uniformização provoca alguma confusão. Sistemáticamente, existe uma regra, mas com múltiplas exceções, ou não existe mesmo regra. Um desses casos é

¹³ Francisco Ferreira, “Cinema: Dois filmes de Pedro Costa separados por quase 30 anos encontram-se agora no cinema” (11 de outubro de 2024, Revista E, pp 54-55).

o acordo ortográfico. No *Expresso* é utilizado o Acordo Ortográfico (AO) de 1990, o comumente denominado “novo acordo ortográfico”. Salvo exceções, nomeadamente cronistas que optam por continuar a escrever em conformidade com o antigo acordo, o Acordo Ortográfico de 1945, (esta opção é sempre destacada no final do artigo, para que o leitor tenha esse conhecimento), as notícias devem seguir o novo AO. Porém, existem palavras específicas que são exceções ao uso deste acordo, como “pára”, “sector” e “espectador”, que seguindo o AO de 1990, se escrevem “para”, “setor” e “espetador”, respetivamente.

Apesar de a redação dos textos ter por base o AO de 1990, um pequeno número de jornalistas utiliza uma miscelânea dos dois, alternando por vezes dentro do próprio texto. E dos três exemplos de exceções dados acima, o que provoca mais contradições é “setor/sector”. Por considerarem, corretamente, que é seguido o novo acordo, surgem “setor/setores”, sendo o revisor responsável por detetar esses equívocos.

Um tópico relativamente pouco preciso foram os estrangeirismos. Estrangeirismos compreendem a importação de palavras, expressões e construções de origem estrangeira numa determinada língua. A sua utilização pode tornar-se desnecessária caso exista na língua portuguesa o seu correspondente. A globalização, que cada vez mais “obriga” a população, em especial mais jovem, a ter um nível de fluência elevado noutros idiomas, principalmente o inglês, provoca uma alternância de códigos, isto é, quando um interlocutor alterna entre diferentes línguas no mesmo discurso, ou até na mesma frase.

Como cada vez mais utilizamos o inglês nas nossas conversas, muitas palavras estrangeiras estão incluídas no nosso vocabulário, tornando difícil perceber se constam mesmo nos dicionários de língua portuguesa ou não.

Este género de palavras é habitualmente colocado em itálico, de forma a destacar o facto de estas não pertencerem ao vocabulário português. Existem diversos termos que provêm originalmente de línguas estrangeiras, mas atualmente estão inseridos na língua portuguesa e já se encontram nos dicionários.

O fator que causa dificuldade neste tópico é justamente perceber se o termo se inclui ou não nos dicionários de língua portuguesa. E, não obstante, existem incongruências na formatação de estrangeirismos que são utilizados frequentemente. Dando dois exemplos específicos, a palavra “marketing” encontra-se nos dicionários

portugueses, físicos e digitais, e como não existe um equivalente tão sucinto em português para designar a mesma área, é frequentemente utilizada. Não é colocada em itálico nos textos.

A palavra “*online*” é um dos casos um pouco contraditórios. Também é possível encontrá-la nos dicionários de língua portuguesa e, apesar de existir um termo correspondente em português, “em linha”, este raramente é utilizado. No entanto, opta-se pelo uso de itálico em “*online*” nas notícias. Temos então dois casos de palavras amplamente utilizadas e incorporadas no vocabulário português de maneira geral, e onde verificamos essa diferença na sua formatação nas notícias.

Na teoria, o critério para o uso do itálico em estrangeirismos parecia concreto — utilizado em palavras que não constem nos dicionários de língua portuguesa —, na prática torna-se um pouco dúbio. É algo analisado caso a caso.

Outra particularidade que gera confusão é a existência de algumas inconsistências entre cadernos, algo específico do trabalho na versão impressa do jornal. Um editor ou revisor que trabalhe no jornal há mais tempo conhece a maior parte delas, e consegue rapidamente perceber se está errado. Para um iniciante poderá ser algo que lhe passe despercebido, devendo ter consciência dessas contradições e verificar ativamente esses detalhes. É, por isso, essencial o acompanhamento de um supervisor que possa assinalar esses traços.

Um exemplo desta falta de coerência é a assinatura de fotos, que varia de acordo com o caderno. Na revista, a fotografia é apenas assinada com o nome do fotógrafo. Nos raros casos de ser acompanhada por uma indicação, é escrito “Fotografia”, seguido do nome do profissional. Por sua vez, no jornal, as imagens são assinadas com “Foto” e o nome do autor. Este é um pormenor mínimo, mas importante para garantir a coerência visual das publicações.

No decorrer do estágio foi-me solicitado que tentasse uniformizar pequenos elementos nas notícias. Um deles foi a utilização de aspas nos nomes de eventos meteorológicos, navios, animais, entre outros. Dado que regularmente estes correspondem a nomes dados a pessoas, opta-se pelo uso de aspas para poder diferenciar quando se fala delas e de fenómenos ou objetos. Este ponto foi levantado especificamente aquando dos furacões que devastaram algumas regiões dos Estados Unidos da América, os furacões “Helene” e “Milton”. Muitas notícias foram publicadas sobre este assunto e,

como não existia um critério fixo no *site* (no jornal impresso havia), os nomes surgiam sem aspas. Essa situação foi notada pelo editor Rui Tentúgal, que me solicitou a normalização.

O que me foi possível observar enquanto pude trabalhar na versão impressa do jornal é que há inúmeros fatores que dificultam o trabalho de um revisor, e que por vezes poderão pôr em causa a qualidade do seu trabalho. A equipa de *copydesks* é relativamente pequena para a quantidade de publicações que são fechadas a cada semana, quatro num intervalo de dois dias (exceto o primeiro caderno e o Ideias, que fecham no dia seguinte ao de economia).

Observado no dia de fecho do primeiro caderno e do Ideias, notícias chegam prontas perto da hora final. Isto pode acontecer por várias razões, por exemplo porque o jornalista está à espera de resposta por parte de alguém, e a recebe ou não antes do fecho, ou o autor pede para efetuar uma alteração. Seja qual for o motivo, essas mudanças resultam numa nova revisão. O *copydesk* terá de rever novamente o texto, o editor de fecho aprovará essa revisão, e os gráficos precisam certificar-se de que o texto está legível e no lugar correto.

5. O jornalismo e a sua relação com a revisão

Tendo trabalhado sobretudo na versão *online* do jornal, queria apontar questões que julgo serem relevantes.

Primeiramente, reforço que geralmente não existe revisão oficial dos textos publicados *online*, ao contrário do que acontece no impresso. Como abordado anteriormente, a edição em papel do jornal é revista por um grupo de *copydesks* formado por quatro revisores e um editor de fecho.

Por sua vez, a versão *online* conta com uma equipa de editores e coordenadores, cujas funções não compreendem a revisão minuciosa dos textos, por diversas questões, incluindo razões temporais. Portanto, não existem revisores na equipa do *site* do jornal, apenas na sua versão impressa.

Ainda que essa opção seja possivelmente justificada por fatores económicos, pergunto-me se não seria vantajoso repensá-la. É compreensível que a prioridade seja dada ao jornal impresso, uma vez que a sua revisão terá um impacto e sensação de

finalidade. Quando algo é publicado em papel é, talvez, menos provável que seja perdido. E por ser o veículo original do jornalismo, o “clássico”, pretende-se manter com ele uma melhor reputação. Todavia, num mundo cada vez mais digital, e em que a principal fonte de informação procurada pelo público é a internet, acredito que alguma prioridade deveria ser transferida para o *online*. É a plataforma mais rápida utilizada para chegar a um público bastante maior. O leitor prefere, e exige, que as informações lhe cheguem de forma imediata às mãos, optando maioritariamente pelas versões digitais da imprensa.

Não quer isto dizer que o jornal impresso esteja a desaparecer completamente. No relatório elaborado pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), responsável por comprovar e certificar os números de tiragem e circulação dos títulos dos editores associados, referente a dados recolhidos entre janeiro e setembro de 2024, o *Expresso* é a publicação mais vendida em Portugal, somando em média 48,5 mil assinaturas do serviço *online* e 36 mil vendas em banca. Em ambos os formatos é ultrapassado pelo *Público* e o *Correio da Manhã* respetivamente, mas vence na soma total de circulação paga. Admitindo uma queda nas vendas das versões impressas dos jornais, é ainda um número significativo. Contudo, é possível observar que o número de assinaturas digitais é consideravelmente maior do que as compras do jornal impresso.

Vale ressaltar também o impacto que a pandemia do Covid-19 provocou no mercado jornalístico, e as alterações que forçou. Num mundo que já estava no caminho de se tornar mais digital, a pandemia veio acelerar esse processo. No geral, o aumento da procura e consumo de notícias não se verificou nas versões impressas dos jornais, e sim nos acessos e subscrições das suas alternativas *online*. O *Expresso* foi, curiosamente, uma exceção. Em 2020, primeiro ano de pandemia em Portugal e confinamento, uma média de 56,59 mil exemplares físicos do jornal foram vendidos, comparados com os 56,68 mil de 2019, verificando-se uma diferença pequena. Por sua vez, o digital teve um grande aumento, superior a 50%, para 42 mil assinaturas, de 27,7 mil. Embora as vendas físicas não tenham sofrido tanto com a pandemia como as de outros periódicos, comparando os números de 2019 com os mais recentes de 2024, observamos uma queda brutal no consumo do jornal impresso, e um crescimento significativo das subscrições digitais.

O *Expresso* tem, a meu ver, uma propriedade possivelmente atrativa nas suas publicações impressas. A Revista E é um material que confere alguma exclusividade de conteúdo. O jornal, incluindo o primeiro caderno e o Ideias, contém notícias que, inevitavelmente, fomos vendo ao longo da semana. Ainda que possam ser incluídos textos

mais detalhados e desenvolvidos sobre determinados assuntos, muitos deles podem não ser novidades para os leitores, o que talvez ponha em causa a sua compra.

A revista traz-nos conteúdos mais cativantes, exclusivos da publicação. As suas matérias de carácter cultural completas sobre literatura, cinema e arte, bem como as suas entrevistas e reportagens, podem suscitar curiosidade no leitor, que possivelmente terá mais disposição para adquirir o semanário, com o intuito de conhecer algo novo.

Independentemente disso, observando os dados acima referidos e analisando os números tão evidenciados, penso que seja essencial ponderar sobre a inexistência de um revisor na parte *online* do jornal. Com cada vez mais acessos e importância, seria valioso começar a transferir prestígio para o *site*, de maneira a não perder a credibilidade por parte do leitor. Este não aprecia ler um texto com informações relevantes repleto de erros. A situação torna-se pior quando é algo recorrente, e principalmente se se paga para obter aquele conteúdo, esperando receber notícias cuidadas.

6. CONCLUSÃO

Este estágio foi uma oportunidade enriquecedora a nível pessoal e profissional. Tendo sido a minha primeira experiência no mercado de trabalho, e num jornal com grande reputação a nível nacional, foi gratificante ter a possibilidade de realmente aprender a trabalhar como revisora.

O mundo jornalístico era, até à data, desconhecido para mim, visto que o mercado editorial foi o foco durante o mestrado. A verdade é que descobri um fascínio inesperado por esta área. É um setor muito dinâmico, com novas notícias a serem lançadas constantemente e sobre variados tópicos, o que captava facilmente o meu interesse e me mantinha ágil. Entendo que trabalhar na versão impressa seria um pouco diferente, por ter mais pressões de horários e variáveis que não dependeriam de mim, mas conteúdo novo surge todas as semanas, e a alternância entre os quatro componentes do semanário também nos torna mais eficientes. Sem saber o que me espera profissionalmente, apreciaria continuar nesta área.

Tive também a sorte de estar rodeada e ser acompanhada por profissionais que sempre me ajudaram, confiaram nas minhas capacidades, e me guiaram para poder fazer um trabalho mais eficiente. Encontro-me grata pelos jornalistas com quem contactei, que me acolheram e não me colocaram de lado, e que fizeram com que estes três meses tenham sido menos difíceis e intimidantes.

O único aspeto que lamento neste período foi a impossibilidade de trabalhar durante mais tempo no jornal impresso. Apesar de compreender as razões por detrás disso, gostaria de poder ter tido a chance de explorar mais a revisão desse tipo de publicação e as ferramentas utilizadas.

Antes de iniciar o estágio tinha já a ideia de que um revisor é um profissional fundamental em qualquer área que envolva texto, seja livros, jornais, trabalhos académicos, etc. Esta experiência apenas veio cimentar essa certeza. Textos mal escritos ou com muitos erros na sua composição podem pôr em causa a reputação da instituição que os publica, colocando em dúvida a veracidade das informações. Temos exemplos a nível nacional de periódicos e editoras cujo reconhecimento tem vindo a diminuir ao longo dos anos precisamente por essa falta de rigor no que é publicado. É aqui que deve entrar o trabalho de um revisor.

Ao *Expresso* apresento duas sugestões. Primeiro, e como abordado ao longo do relatório, acredito que seria importante investir na revisão das notícias publicadas na versão *online*. Todos os dias, todo o dia, são lançadas dezenas de peças, e é impossível para a equipa de editores conseguir ler e comprovar que essas saem sem erros, pelo menos os mais graves. Ter um profissional cuja função fosse apenas essa ajudaria, e, a meu ver, elevaria o prestígio do jornal. A outra sugestão prende-se com a elaboração de um livro de estilo oficial (semelhante ao do jornal *Público*, que é de livre acesso ao público geral) que aborde integralmente os pontos necessários a ter em conta na elaboração dos textos, e consequentemente na sua revisão e edição, de maneira a uniformizar e facilitar o trabalho dos jornalistas e estagiários que cheguem à redação.

Ninguém é infalível, ainda mais quando se trata de uma “equipa solo”, mas procurei sempre fazer o melhor possível, com todas as ferramentas que me foram disponibilizadas. Termino este estágio satisfeita com a minha trajetória, tendo consciência de que erros me passaram despercebidos e que tenho ainda muito a aprender. Saio com confiança que poderei continuar a exercer como revisora e a pôr em prática o que aprendi ao longo destes dois anos de mestrado.

BIBLIOGRAFIA

- Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (s.d.). Obtido de <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/>
- Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (s.d.). *Análise Simples*. Obtido em 22 de janeiro de 2025, de APCT: <https://www.apct.pt/analise-simples>
- Costa, M. F., & Salgado, A. d. (2010). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Comissão Europeia (s.d.). *Código de Redação Interinstitucional*. Obtido de Código de Redação Interinstitucional: <https://style-guide.europa.eu/pt/home>
- Fidalgo, M. (2014). *Guia para revisores de texto: Uma proposta para o exercício de uma profissão pouco (re)conhecida*. Projeto de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Grupo IMPRESA (s.d.). Obtido de <https://www.impresa.pt/>
- How The New York Times Uses A.I. for Journalism*. (2022). Obtido em 20 de janeiro de 2025, de Behind the Journalism: How The Times Works: <https://www.nytimes.com/explain/2022/new-york-times-journalism#how-new-york-times-uses-ai-journalism>
- Hu, C., & Downie, A. (2024). *How is AI being used in journalism?* Obtido em 19 de janeiro de 2025, de IBM: <https://www.ibm.com/think/insights/ai-in-journalism>
- Infopédia (s.d.). Obtido de Dicionários Porto Editora: <https://www.infopedia.pt/>
- Porlezza, C., & Schapals, A. K. (2024). AI Ethics in Journalism (Studies): An Evolving Field Between Research and Practice. *Emerging Media*, 2(3), 356-370.
- Priberam (s.d.). Obtido de Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <https://dicionario.priberam.org/>

ANEXOS

Anexo 1 – Plataforma *Backoffice*.

backoffice

IMPRESA

EDITORIAL

Gestão de Conteúdos

Expresso

Pesquisar conteúdo

ESTADO

Todos

Published

Submitted

Draft

Deleted

Approved

TIPO

Todos

Artigo

Imagem

Galeria

Video

Playlist

Autor

Ficheiro

Opinião

Newsletter

Web Content

Link

C. Externo

Publicidade

Evento

Direto

Audio

Publicações

Contacto

Campanha

Menos

Pesquisa avançada

Filtrar categorias

Expresso (Home)

50 anos do 25 de Abril

A Revista do Expresso

AMP

Arquivo

Artigo GS teste

Autores

Autárquicas 2017

[VIDEO] BLITZ

05-12-2024 10:42 published

Alepo e o conflito na Síria

Corina Lozovan

Artigo

05-12-2024 10:38 published

DGS rejeita que centros de saúde tenham falta de vacinas contra a gripe e covid-19

Agência Lusa

Artigo

05-12-2024 10:24 published

Ivete Sangalo dá concerto na Meo Arena em 2025

BLITZ

Artigo

05-12-2024 published-inactive

Função Pública e CP voltam à greve esta sexta-feira

Cátia Mateus

Artigo

05-12-2024 10:07 published

REPMUS: o maior exercício do mundo com drones marítimos aconteceu em Troia e juntou dois mil militares e 105 tipos de robôs

(veja o vídeo)

Hugo Sámeça

Artigo

05-12-2024 10:05 published

PSD quer retirar da lei inspeção de motociclos e reforçar segurança na estrada

Agência Lusa

Artigo

05-12-2024 09:59 draft

Bob Dylan aprova 'biopic' com Timothée Chalamet: "É um ator brilhante"

BLITZ

Artigo

05-12-2024 09:53 published

Britney Spears anuncia que está a viver no México

BLITZ

Artigo

05-12-2024 09:38 published

Korn confirmados no

Últimas notícias

REPMUS: o maior...

ID: 25033666

Content Type: story

Creation Date: 2024-12-05 10:07:14

Created By: hsenecca

URL: http://expresso.pt/sociedade/tecnologia/2024-12-05-repmus-o-maior-exercicio-do-mundo-com-drones-maritimos-aconteceu-em-troia-e-juntou-dois-mil-militares-e-105-tipos-de-robos

TÍTULO*

REPMUS: o maior exercício do mundo com drones marítimos aconteceu em Troia e juntou dois mil militares e 105 tipos de robôs

ANTETÍTULO

POSTÍTULO

HEADLINE TITLE

FRASE TICKER

LEAD

← → B I U S T X @

Durante mais de duas semanas, o maior exercício internacional de robôs marítimos, patrocinado pela NATO, terá movimentado mais de 19 milhões de euros. A participação especial coube ao experiente contingente que veio da Ucrânia

BYLINE

OVERRIDE URL

TIPO DE ARTIGO

Video

ESTADO

OUTRO ESTADO

published

Gravar

Gravar e Publicar

Gravar e Fechar

Pré-visualizar

Anexo 2 – Carla Quevedo, “Graça Lobo (1939-2024): a perfeita Molly Bloom, sem medo e com rigor, intensa nas amizades e inimizades” (9 de setembro de 2024).

☒ Listável
☒ Exclusivo
☐ Teaser Semanário

Graça Lobo

+
🗑️

Ser “maior do que a própria vida” não é uma expressão difícil de compreender, apesar de adaptada do inglês. Significa que a pessoa transcende os limites das datas de nascimento e morte e permanece na memória coletiva, desafiando o esquecimento. Isso acontece com pessoas muito próximas, com escritores e artistas que nos deixam as suas obras e com alguns atores com uma personalidade forte e muito vinculada que o público não esquece.

Graça Lobo, desaparecida a 9 de Setembro no lar da Santa Casa da Misericórdia, em Torres Vedras, onde estava desde 2019, é um destes casos. Filha de Artur Leal Lobo da Costa, oficial do exército com uma longa carreira e de Lia da Conceição do Sacramento Monteiro, empresária, Maria da Graça Monteiro Lobo da Costa nasceu a 12 de Abril de 1939, em Lisboa, filha única do casal.

+
🗑️

Passou a sua infância em Vialonga e durante a sua juventude foi estudar para um colégio de freiras na Irlanda. Já adulta, com 19,20 anos, teria o seu primeiro trabalho como assistente de ~~bordo~~ na TAP. Em inícios da década de 60 era habitual que as assistentes de bordo da TAP fossem meninas de boas famílias. O problema para a companhia é que raramente tinham jeito para a profissão. Consta que foi o caso de Graça Lobo.

Do ar passou para o palco, nomeadamente para a Casa da Comédia, onde se estreou em 1967 com “Noites Brancas”, de Dostoiévsky, com encenação de Norberto Barroca. Fez parte do Teatro Estúdio de Lisboa, de Luzia Maria Martins, na zona onde seria mais tarde a Feira Popular de Lisboa, e do Teatro Experimental de Cascais, de Carlos Avilez. Em 1979, cria a Companhia de Teatro de Lisboa juntamente com Carlos Quevedo, que viera para Portugal a convite do encenador argentino Víctor García. Com Víctor García, Graça Lobo faria “As Quatro Gémeas”, peça do autor argentino Copi.

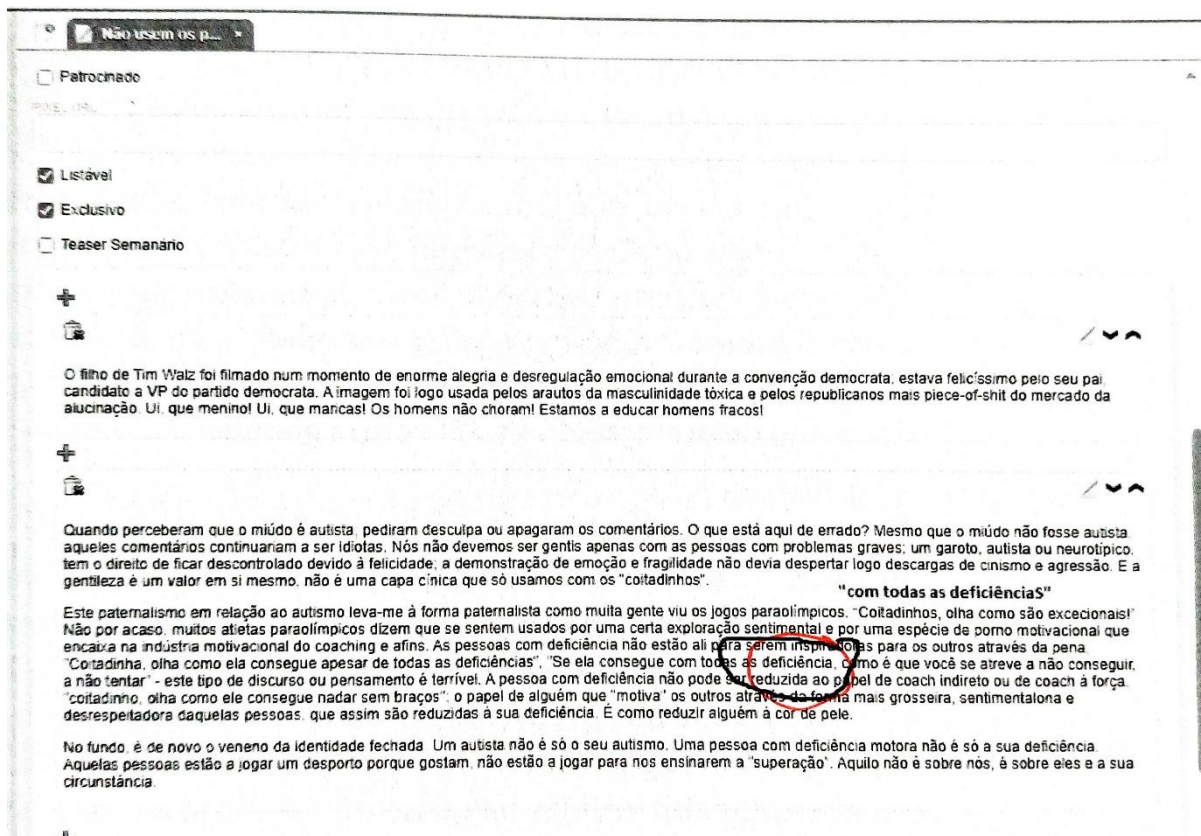
Com a Companhia de Teatro de Lisboa, sem sede própria, em que ambos contratavam atores para os espetáculos que Carlos Quevedo encenava, Graça Lobo interpretou Joyce, Beckett, Pinter, Noël Coward, Ibsen, entre outros autores representativos do teatro contemporâneo. **O último capítulo do “Ulysses” de James Joyce, em que a personagem feminina, Molly Bloom, está deitada na cama a pensar sobre o marido, o amante e a refletir sobre a sua própria vida teve estrela no Teatro São Luiz em Lisboa, em 1981.** O cartaz e a cenografia eram de Júlio Pomar.

A sua dedicação à interpretação de uma personagem feminina tão complexa foi total e os resultados foram extraordinários ao ponto de um jovem jornalista se aproximar e expressar a sua admiração. Era Miguel Esteves Cardoso que no ano seguinte escreveria “Em Carne Cor de Rosa Encarnada” que teria **Graça Lobo e Luís Madureira como atores.** Na peça “Os Homens”, de Miguel Esteves Cardoso, Graça Lobo seria encenadora e intérprete.

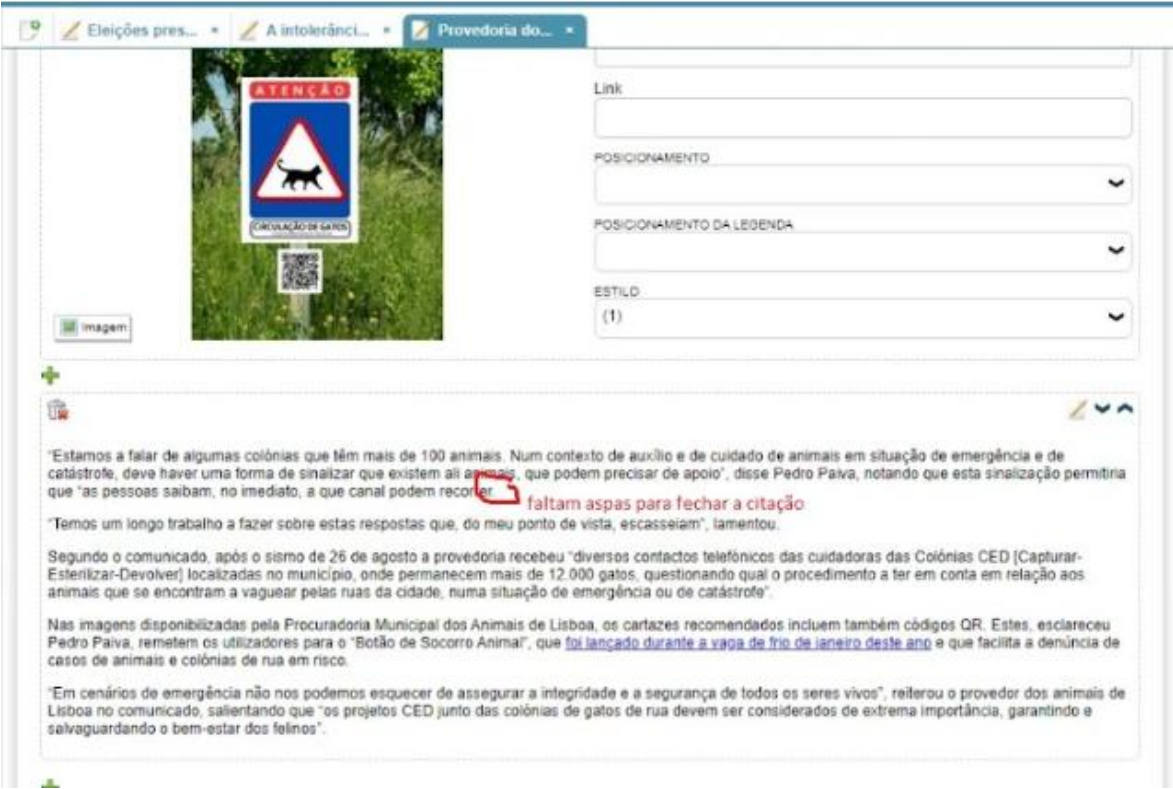
+
🗑️

Dostoiévski
ou
Dostoevsky ?

Anexo 3 – Henrique Raposo, “Não usem os paraolímpicos como porno motivacional” (9 de setembro de 2024).



Anexo 4 – Hélio Carvalho, “Provedoria dos Animais de Lisboa recomenda sinalética para ajudar gatos de rua durante catástrofes” (10 de setembro de 2024).



The screenshot shows a web browser window with three tabs: 'Eleições pres...', 'A intolerância...', and 'Provedoria do...'. The main content area displays a document with a header image of a blue and white triangular warning sign with a black cat silhouette and the text 'ATENÇÃO' and 'CIRCULAÇÃO DE GATOS'. Below the image is a QR code and a small 'imagem' button. To the right of the image is a sidebar with a 'Link' field and three dropdown menus labeled 'POSICIONAMENTO', 'POSICIONAMENTO DA LEGENDA', and 'ESTILO (1)'. The main text of the document is in Portuguese and discusses the recommendation of signage for street cats during emergencies. A red circle highlights a missing closing quote in the text: 'faltam aspas para fechar a citação'.

Link

POSICIONAMENTO

POSICIONAMENTO DA LEGENDA

ESTILO (1)

imagem

Estamos a falar de algumas colónias que têm mais de 100 animais. Num contexto de auxílio e de cuidado de animais em situação de emergência e de catástrofe, deve haver uma forma de sinalizar que existem ali animais, que podem precisar de apoio", disse Pedro Paiva, notando que esta sinalização permitiria que "as pessoas saibam, no imediato, a que canal podem recorrer".

Temos um longo trabalho a fazer sobre estas respostas que, do meu ponto de vista, escasseiam", lamentou.

Segundo o comunicado, após o sismo de 26 de agosto a provedoria recebeu "diversos contactos telefónicos das cuidadoras das Colónias CED [Capturar-Esterilizar-Devolver] localizadas no município, onde permanecem mais de 12.000 gatos, questionando qual o procedimento a ter em conta em relação aos animais que se encontram a vagar pelas ruas da cidade, numa situação de emergência ou de catástrofe".

Nas imagens disponibilizadas pela Procuradoria Municipal dos Animais de Lisboa, os cartazes recomendados incluem também códigos QR. Estes, esclareceu Pedro Paiva, remetem os utilizadores para o "Botão de Socorro Animal", que foi lançado durante a vaga de frio de janeiro deste ano e que facilita a denúncia de casos de animais e colónias de rua em risco.

"Em cenários de emergência não nos podemos esquecer de assegurar a integridade e a segurança de todos os seres vivos", reiterou o provedor dos animais de Lisboa no comunicado, salientando que "os projetos CED junto das colónias de gatos de rua devem ser considerados de extrema importância, garantindo e salvaguardando o bem-estar dos felinos".

Anexo 5 – Maria Monteiro, “De Trump a Taylor Swift, estes artistas levam-nos aos julgamentos mais mediáticos dos Estados Unidos” (9 de setembro de 2024).

De Trump a Taylor Swift, estes artistas levam-nos aos julgamentos mais mediáticos dos Estados Unidos

De facto, Stormy é a musa inspiradora da maioria das obras criadas por Elizabeth no julgamento. Numa das cenas, vemo-la imitar a *beefcake pose* (pose que visa evidenciar um corpo masculino grande e musculado) em que alegadamente encontrou Trump ao sair da casa de banho num dos seus supostos encontros. “Esta imagem conta visualmente o que ela descreveu e o que fez e está lá para informar e enriquecer [a notícia]”, observa a artista.

mão fechada

Outro desenho mostra a atriz a olhar para Donald Trump, fora do enquadramento, sendo que em primeiro plano é exibido o cartaz de um dos seus espetáculos. Nele consta a famosa fotografia de Stormy e Trump no torneio de golfe em que se conheceram, em 2006, com um slogan adaptado do que foi usado pelo ex-presidente em 2016: “Make America Horny Again” (“Por a América excitada de novo”, em português).

pôr?

Anexo 6 – SIC Notícias, “Numa viagem solidária de bicicleta, um grupo de oito amigos vai pedalar até França” (10 de setembro de 2024).

A verba angariada será entregue ao núcleo de Portalegre que tem já tem destino, independentemente do montante.

“tem” a mais

“Apoio à medicação, apoio aos suplementos alimentares, apoio aos cabazes alimentares, apoio a algumas rendas de casa, apoio a próteses capilares, apoio a próteses mamárias, a deslocações...um sem fim de apoios. No fundo, tudo aquilo que o doente oncológico, principalmente o carenciado economicamente precisa, nós não dizemos que não”, explica uma pessoas que trabalha no núcleo de Portalegre.

“uma DAS pessoas”

No grupo seguem vários voluntários que apoiam na logística e preparam refeições para conter custos. Os carros de apoio também foram cedidos por associações locais.

Anexo 7 – Folha *Excel* de apontamento das revisões.

Da esquerda para a direita: n.º da notícia, data de revisão, título, autor, tipo de texto, *status*

767	Outubro ▼	10/10/2024	Furacão "Milton" perde intensidade na chegada à Flórida: ventos fortes deixaram 2 milhões sem eletricidade e há mortes a registar	Lusa	Notícia ▼	Publicado ▼
768	Outubro ▼	10/10/2024	Furacão Milton: Trump diz que ajuda aos migrantes limita verbas para apoiar zonas afetadas, Biden denuncia mentiras "antiamericanas"	Lusa	Notícia ▼	Publicado ▼
769	Outubro ▼	10/10/2024	Parlamento aprova classificação de bombeiro como profissão de desgaste rápido e reduz a idade de acesso à reforma	Margarida Coutinho	Notícia ▼	Publicado ▼
770	Outubro ▼	10/10/2024	Natureza em colapso: relatório "Planeta Vivo 2024" aponta para uma diminuição de 73% das populações de animais selvagens	Carla Tomás	Notícia ▼	Publicado ▼
771	Outubro ▼	10/10/2024	Se em Gaza são homens	Daniel Oliveira	OP ▼	Publicado ▼
772	Outubro ▼	10/10/2024	Alemã Flixbus traz alguns dos seus serviços globais para Portugal	Pedro Lima	Notícia ▼	Publicado ▼
773	Outubro ▼	10/10/2024	Trump recusa definitivamente segundo debate com Kamala Harris	Lusa	Notícia ▼	Publicado ▼
774	Outubro ▼	10/10/2024	13 Grandes concertos que pode ver em Portugal até ao fim do ano	Mário Rui Vieira	Notícia ▼	Publicado ▼

Da esquerda para a direita: data de publicação, se apresenta ou não erros, erros encontrados, *link*

10/10/2024	☒	- aspas em Milton e Helene - "costa oeste dos EUA" - costa este	Furacão Milton perde intensidade na chegada à Flórida: ventos fortes
10/10/2024	☒	- aspas em Milton e Helene - Flórida - pôr acento	Furacão "Milton": Trump diz que ajuda aos migrantes limita verbas par
10/10/2024	☐	- "apesar de ao PCP" o - "aberto uma exceção" aberta - "prosseguiu" prosseguiu	Parlamento aprova classificação de bombeiro como profissão de des
10/10/2024	☐	Notes	Natureza em colapso: relatório "Planeta Vivo 2024" aponta para uma t
10/10/2024	☒	- "assinados / próprios autores" /pelos - "monitorizado-os" monitorizando-os - "como mensageiros" mensageiro - "ataque a ajuda" à - "diretos humanos e direito internacional" direitos - "com ela com ela" - "ninguém" ninguém	Se em Gaza são homens - Expresso
10/10/2024	☐	Notes	Alemã Flixbus traz alguns dos seus serviços globais para Portugal - E
10/10/2024	☐	Notes	Trump recusa definitivamente segundo debate com Kamala Harris - E
10/10/2024	☐	Notes	13 Grandes concertos que pode ver em Portugal até ao fim do ano - E

Anexo 8 – Semanário do dia 29 de novembro, capas do primeiro caderno (esquerda) e do Ideias (direita)

BOA CENA BOA MESA

RESTAURANTES PRATOS E PRODUTOS REGIONAIS

RESTAURANTES PRATOS E PRODUTOS REGIONAIS

RESTAURANTES PRATOS E PRODUTOS REGIONAIS

A FESTA DA MELHOR MÚSICA - 12 DE DEZEMBRO - MONTELEONEPT

BLITZ 40

idealista

A app imobiliária líder em Portugal

29 de novembro de 2024

7718 € 454 Semanário

expresso.pt

24h

Sócrates volta ao Parlamento?

Médicos atacam Castro Alves

Costa de parabéns

Suspeitos fazem parte de gangue

Mudanças na SIC

Centros de saúde privados vão poder recusar utentes do SNS

Regulamento admite exclusão ou anulação de inscritos no SNS

Médicos e enfermeiros vão escolher horários

Responsáveis criticam

SEGREDO E GADGETS PARA UMA BOA NOITE DE SONO

ALMIRANTE NÃO QUER APOIO DE PARTIDOS

António Costa pode "votar seguro"

Reportagem: o charme de Amorim encantou Manchester

Governo promete valorizar todas as carreiras do Estado

César foge no liano pole não durar 60 dias

PJ e SIS sobem vigilância a Bessa

25 DE NOVEMBRO A ordem do PCP para "recuar sem deixar rasto"

OBRIGATÓRIO

A FIGURA

CRÓNICAS

INIMIGO PÚBLICO

Black Friday

Max Verstappen

José Gamito

Isabela Figueiredo

Henrique Raposo

Quanto pior melhor

IDEIAS

LIBERDADE PARA PENSAR

Expresso

29 de novembro de 2024

Ensaio O calendário cada vez mais frenético está a deixar os jogadores esgotados e os treinadores insatisfeitos

Demasiado futebol matará o futebol?

Luis Cristóvão

QUANTIDADE VERSUS QUALIDADE E SEUS PROCESSOS

Jogadores esgotados, treinadores insatisfeitos

se físico e mental que vão acumulando com o tempo e que se tornam uma carga para os jogadores. Por isso, muitos treinadores estão a pensar em reduzir o número de jogos. A UEFA, a Federação Europeia de Futebol, também está a pensar em reduzir o número de jogos. A UEFA, a Federação Europeia de Futebol, também está a pensar em reduzir o número de jogos. A UEFA, a Federação Europeia de Futebol, também está a pensar em reduzir o número de jogos.

Anexo 9 – Eduardo Pires e Mário Tomé, “12 de setembro, início da situação revolucionária do 25 de Abril” (12 de setembro de 2024).

12 de Setembro: início da situação revolucionária do 25 de Abril

O dia 12 de Setembro e a desobediência do proletariado da Lisnave às ordens do MFA, armadas, deve ser lembrado como o cerne do movimento revolucionário independente, com os soldados ao lado do povo, libertados da hierarquia

caixa nova
Nos 50 anos do 25 de Abril, as comemorações oficiais e o seu reflexo público em geral, nomeadamente a magna manifestação na Avenida da Liberdade, sofreram do agudo complexo de Novembro, ou seja, saudou-se o derrube do regime fascista – renomeado orgulhosamente, pelas vozes públicas, de Estado Novo - e o fim da guerra colonial, *caixa alta* saudou-se a liberdade conquistada mas não se invocou a raiz de tudo isso, talvez por ter sofrido dolorosa ablação ideológica: a luta popular revolucionária que marcou o PREC, designação “oficial”, esta que, à falta de melhor, sugere uma revolução contida nos limites procedimentais do MFA/Conselho da Revolução.

Mas não foi assim. A iniciativa popular e a poderosa força revolucionária das ações coletivas, com fulcro na secular luta operária, desafiou ostensivamente o próprio MFA num dia que não tem sido devidamente celebrado. E todos percebemos porquê.

quatro
No dia 12 de Setembro de 1974, três meses e meio depois do 25 de Abril, no seguimento das lutas dos trabalhadores ainda durante o fascismo, os operários da Lisnave, a maior concentração operária do país, decidem marcar uma greve e uma manifestação com o objectivo de contestar e confrontar legislação do governo Palma Carlos, nomeado por Spínola, de controlo e condicionamento do direito à greve e à manifestação. Isto quando ainda repercutia o imenso grito libertário do 25 de Abril, quando o povo ignorou ostensivamente o apelo do MFA, pela voz de Vítor Alves, para ficar em casa e encheu as ruas de Lisboa e do país, mostrando que a partir do golpe dos capitães passava a ser consigo a sua própria vida.

Outro objectivo foi o saneamento do administrador dos Melo, o Perestrelo, protector e orientador da actividade dos bufos da PIDE na Empresa.

peremptória
No dia marcado para a manifestação, o 12 de Setembro de 1974, a presença que se pretendia dissuasora de uma delegação do MFA, sublinhando a ilegalidade da greve e da manifestação, esbarrou na tomada de decisão colectiva da Assembleia Geral, o Plenário de todos os turnos, que nesse dia juntava excepcionalmente mais de 7000 trabalhadores em frente do edifício central da administração em que de forma peremptória e irrevogável, reafirmaram a decisão de enfrentarem o cerco militar que tinha sido democraticamente montado, e atravessarem o Tejo sob o olhar atento de Eisenstein! para demonstrarem a sua força e razão no palco da capital.

Os mais de 7000 trabalhadores de todas as secções na sua grande maioria operários (aos quais se juntariam já em Lisboa, muitos trabalhadores dos estaleiros da Rocha e

Anexo 10 – Ángel Luis de la Calle, “Exílio do candidato da oposição venezuelana vale críticas ao Governo espanhol” (10 de setembro de 2024).

A dirigente opositora garante que o motivo do exílio do candidato presidencial reside nos riscos para a segurança de González e da sua família. **“A sua vida corria perigo e as crescentes ameaças, citações e tentativas de chantagem de que foi alvo demonstram que o regime não tem limites na obsessão por silenciá-lo e tentar vergá-lo.”**

Na sua primeira mensagem ao chegar a Espanha, o opositor corroborou estas impressões, ao assegurar que a sua saída se viu rodeada de toda a **classe** de impedimentos, até darem fruto os contactos do antigo primeiro-ministro espanhol José Luis Rodríguez Zapatero com a vice-presidente venezuelana, Delcy Rodríguez. O ex-governante espanhol **relação com Maduro e com dirigentes opositores e os seus esforços têm servido, em várias ocasiões nos últimos anos, para obter a libertação de cerca de 200 presos políticos.**

<https://preview.expresso.pt/internacional/america-latina/2024-09-10-exilio-do-candidato-da-oposicao-venezuelana-vale-criticas-ao-governo-esp...> 3/12

González esteve **escondido mais de um mês na embaixada dos Países Baixos em Caracas**. No passado dia 5, quando já manifestara formalmente o desejo de pedir asilo político a Espanha, mudou-se para a residência do embaixador espanhol na capital venezuelana, Ramón Santos, de onde partiu, domingo, para o aeroporto de Maiquetía. Poucas horas antes, a Procuradoria chavista emitira ordem de detenção contra González, que em três ocasiões sucessivas recusara citações para i prestar declarações. O candidato opositor viajou para Espanha numa Falcon da Força Aérea espanhola, enviado pelo Governo dias antes, e que aguardava na República Dominicana. O aparelho abasteceu-se no país caribenho e nos Açores antes de aterrar na base espanhola de Torrejón de Ardoz.

PP ESPANHOL CRITICA SÁNCHEZ

Em Espanha, o vice-secretário de Ação Institucional do Partido Popular (PP, centro-direita, maior força da oposição), declarou que **“Sánchez e os ofícios corruptos de Zapatero deveriam ser parcos em autoelogios: tirar Edmundo da Venezuela sem o reconhecer como Presidente legítimo não é um favor à democracia, antes tira um problema à ditadura”**. Miguel Tellado, líder parlamentar do PP, considera que “a atitude do Governo é mesquinha”. O eurodeputado Herman Terstch, do partido de extrema-direita Vox, acusa Maduro e Sánchez de terem atuado de forma coordenada para impedir o reconhecimento de González e **“decapitar a oposição”**.

Esta terça-feira, o PP apresenta no Congresso dos Deputados uma iniciativa legislativa para o Parlamento espanhol reconhecer González como Presidente legítimo da Venezuela. Um dos partidos que faz parte da base de apoio parlamentar ao Governo de Sánchez apoiará a proposta. É o Partido **Nacionalista Basco (PNV)**, que dispõe de quatro deputados. Aliado aos demais da direita, permitirá dar ao candidato opositor venezuelano um estatuto que a União Europeia ainda não decidiu outorgar-lhe.

Anexo 11 – Boa Cama Boa Mesa, “Oktoberfest à portuguesa: 10 sugestões para celebrar a grande festa da cerveja” (1 de outubro de 2024).

Cerveja artesanal e salsichas bio em Arroios

Sábado, dia 5 de outubro, em Arroios, a cervejeira artesanal LisPoa Craft Beer e a salsicharia biológica Wurst celebram juntas a OktoBeer Fest. Sempre dinâmico, este projeto que nasceu no Brasil promete um dia “imperdível”: “Pela primeira vez nos nossos *pop ups*, receberemos a Wurst, a mais saborosa ^{incluindo} salsicharia biológica de Lisboa, produzida de forma artesanal na Herdade do Freixo”, ^{incluindo} uma opção vegan. Assim, no menu conte com hot dogs com pão típico e molhos de mostarda de estragão, ketchup e maionese, além de muito Chucrute e Pretzel. A novidade nas torneiras é a cerveja German IPA, “com 5,1% de teor alcoólico, fresca e saborosa”, criada especialmente para a Oktoberfest da LisPoa Craft Beer, que, ^{abrigando} recorde-se, resulta do acrónimo dos dois ^{abrigando} aeroportos que marcam esta aventura cervejeira: Lisboa e Porto Alegre (LIS-POA). Conte com música para animar a tarde (a partir das 18h00).

Celebrar Oktoberfest e uma década de cerveja

Na Praça das Flores, a ^{um} Cerveteca foi ^{um} dos primeiros locais a arriscar nas cervejas artesanais em Lisboa. Corria o ano de 2014 e o espaço abria portas e esplanada com uma certeza: “Não temos cerveja normal”. Em contrapartida, encontram-se dezenas de cervejas nacionais e

outras tantas oriundas dos mais diversos cantos do mundo, à pressão, em garrafa ou em lata. O melhor é entrar e olhar o quadro com as indicações das marcas e tipos de cerveja que estão em destaque no tabuleiro de prova. Por aqui, as celebrações da Oktoberfest começaram em setembro e terminam esta quarta-feira, dia 2 de outubro. A Cerveteca conta com um menu especial, que inclui Brezel, uma Tábua especial, com duas salsichas, e ainda o tradicional Joelho de porco, com salada de batata. A animação está garantida, mais ainda em dias de bola, e algumas promoções para ^{surpreender} os clientes.

Guimarães Beer Fest: um festival épico

A Plataforma das Artes recebe entre os dias 4 e 6 de outubro ^{uma} edição especial e épica da Guimarães Beer Fest. Com foodtrucks, espectáculos de comédia, música, workshops de cerveja e muitas surpresas, está prometida a presença de 23 marcas de cerveja nacionais e internacionais, entre as quais algumas alemãs, belgas e espanholas, que dão a provar mais de 50 referências, algumas menos óbvias como a Weiss com laranja, a Cannabis Punch, a imperial Stout com chocolate, coco e baunilha, e ainda uma sangria de cerveja. A entrada na Guimarães Beer Fest é livre e o copo de provas reutilizável custa €4. Na sexta-feira (4 de outubro), o recinto abre entre as 17h00 e as 2h00, sábado, entre as 14h00 e as 2h00, e domingo, entre as 13h00 e as 22h00.

Sem Vergonha, celebra-se a festa da cerveja

De 1 a 7 de outubro, a Cervejaria Sem Vergonha, em Lisboa, convida os apaixonados por cerveja para a primeira edição do Sem Vergonha Beer Fest, “uma celebração à portuguesa, com muito sabor e descontração”, inspirada na famosa Oktoberfest alemã. Durante uma semana, das 18h00 às 23h00, a cervejaria vai servir canecas de cerveja com 50% de desconto, para usufruir, tanto na sala, como também na esplanada e no miradouro exterior. Para acompanhar a cerveja existem várias opções que acompanham o tipo de refeição procurada, dos Croquetes ao Recheio de sapateira com tostas, e do Pica-pau do lombo às Amêijoas à Bulhão Pato. Outras opções passam pelo Hambúrguer à Sem Vergonha ^{lavagante} ou pelas mariscadas e os arrozes, como o de lavagante. Recorde-se que abaixo da Cervejaria Sem Vergonha, localizada na Travessa Santa Quitéria, existe um parque de estacionamento interior.

Anexo 12 – Agência Lusa, “ONU conclui que Irão aumentou esforços para eliminar direitos das mulheres” (12 de setembro de 2024).

ONU conclui que Irão aumentou esforços para eliminar direitos das mulheres (e meninas)

As autoridades iranianas intensificaram os esforços para eliminar os direitos fundamentais de mulheres e meninas e atacam qualquer ativismo que procure defendê-las, denunciou nesta quinta-feira a Missão da Organização das Nações Unidas de Investigação às Ocorrências no Irão.

Esta denúncia ocorre dois anos após a morte da jovem iraniana Mahsa Amini, depois de ter sido detida e brutalmente agredida em instalações policiais por não ter o véu islâmico colocado segundo as normas oficiais.

As três ^{os} ~~membras~~ ^{membros} da Missão asseguraram num relatório atualizado que as forças de segurança agravaram os seus padrões de violência física contra as mulheres, incluindo espancamentos, pontapés e bofetadas às que entendem que não cumprem as normas sobre o véu islâmico.

"Ao mesmo tempo, aumentaram o controlo sobre o cumprimento destas normas, tanto em contexto público como ^{privado} ~~prova~~, inclusive dentro de veículos, ao utilizarem cada vez mais tecnologia de vigilância, como drones", detalharam.

A missão, formada por Sara Hossain, do Bangladesh, Shaheen Sardar Ali, do Paquistão, e Viviana Krsticevic, da Argentina, também alertou para iminente aprovação da designada Lei sobre Castidade e Uso do Hijab [véu islâmico], que aumenta as penas de prisão e multas, restrições no campo laboral e educativo e inclusive proibições de viajar sem o véu.

No documento alertou-se também para a vaga de condenações à morte de mulheres ativistas. "Nos últimos dois anos, algumas leis penais têm sido usadas como instrumentos para aterrorizar as pessoas que protestam ou procuram expressar-se livremente", assinalaram as integrantes da Missão.

Solicitaram ainda ao ^{Governo} ~~governo~~ iraniano que ^{pave} ~~para~~ imediatamente com as execuções de manifestantes, suspenda a aplicação da pena de morte, liberte todos os detidos nos protestos e acabe com a repressão das mulheres.

Também solicitaram aos Estados-membros da ONU que aumentem a pressão para que as autoridades iranianas prestem contas das violações dos direitos humanos no contexto dos dois anos de protestos, que em alguns casos podem considerar-se crimes contra a ^H ~~humanidade~~.

"Agora que passa o segundo aniversário dos protestos de setembro de 2022, pedimos a esses Estados que investiguem, julguem e castiguem os crimes praticados contra mulheres e meninas, no contexto do movimento "Mulher, Vida, Liberdade" nos seus tribunais, sob o princípio da justiça universal", defenderam.

Amini, de 22 anos, foi detida pela polícia religiosa iraniana em 13 de setembro de 2022 em Teerão, e faleceu sob custódia três dias depois, o que desencadeou uma série de protestos que se estenderam pelo ^{Irão} ~~país~~, com manifestações de solidariedade em outros países.

Anexo 13 – BCBM e Agência Lusa, “Evacuado domingo, hotel de Oliveira de Azeméis ajuda bombeiros enquanto cancela reservas” (17 de setembro de 2024).

*Evacuado domingo, hotel de Oliveira de Azeméis
ajuda bombeiros enquanto cancela reservas*

Evacuado no domingo devido ao incêndio em Oliveira de Azeméis, o Vale do Rio Hotel Rural, está neste momento a dar ^{ajuda} ~~domida~~ a bombeiros, enquanto decorrem trabalhos de limpeza e arejamento das instalações. As reservas estão canceladas, para já, até ^{quinta} ~~quinta-feira~~, dia 19 de setembro.

O hotel rural, apesar de não ter sido atingido pelo fogo que lavra desde domingo neste concelho da Área Metropolitana do Porto, ficou rodeado por uma floresta negra e muita terra queimada. Toda a área verde contígua a esta unidade hoteleira, que sempre apostou na sustentabilidade e no contacto com a natureza, está destruída, identificando-se nas estradas em redor ainda colunas de fumo e pontos de fogo nos ^{troncos} ~~troncos~~ de árvores mais grossos. “Riqueza natural é a fonte de inspiração. O Rio Caima e a paisagem são o cartão de visita”. Era deste forma que o Vale do Rio Hotel Rural se anunciava aos visitantes e turistas.

“Estamos a remarcar todas as reservas até quinta-feira, até porque é impossível receber hóspedes. Além de eles terem dificuldade em cá chegar, com tantas estradas cortadas, ainda há muito fumo lá fora e cinza a voar”, declarou à agência Lusa, a diretora do hotel, Rita Alves. A mesma responsável informou que a unidade não sofreu estragos físicos, mas realçou que o interior da unidade hoteleira denuncia efeitos do incêndio: “Cá dentro também cheira a fumo e nem podemos abrir as janelas para arejar porque senão ainda é pior, com a entrada de mais fumo e cinzas também”.

Enquanto aguarda que o incêndio seja extinto e que as condições atmosféricas reponham alguma normalidade na paisagem, a equipa do hotel continua a molhar paredes exteriores, telhados e jardins, avançando também com a lavagem de cortinas e pequenas operações de limpeza que possam adiantar sem risco de as ver desperdiçadas por eventuais reacendimentos na zona.

Se no domingo os camiões-cisterna dos bombeiros entraram na propriedade para se abastecerem de água diretamente a partir do Caima, agora que o rio já não tem caudal suficiente para isso o hotel procura ajudar de outra forma. “Pusemos alguns quartos à disposição dos bombeiros, que vêm cá dormir umas horas, tomar café e comer fruta”, relatou Rita Alves. O resto é esperar pela chuva. “Os bombeiros já nos disseram que, se não começar a chover, estas terras aqui à volta podem continuar a arder durante semanas”, lamentou Rita Alves.

No Guia Boa Cama Boa Mesa 2024 pode ler-se sobre o [Vale do Rio Hotel Rural](#) (Avenida Soares de Basto, 4346, Palmaz. Tel. 256990000), localizado no concelho de Oliveira de Azeméis: “Aqui funcionou em tempos a Fábrica de Papel do Caima, abastecendo ‘o Comércio do Porto da matéria-prima necessária à sua impressão’. A reativação de uma mini-hídrica no rio Caima permite produzir energia através da força de uma queda de água. O hotel utiliza essa fonte, além de painéis solares e fotovoltaicos, e queimando *pellets* e biomassa. Pense nessa dimensão verde ao instalar-se num dos 33 alojamentos, usufruindo do bar, do Spa e da envolvente natural”.

Anexo 14 – Agência Lusa, “PAN quer criar lei da saúde menstrual” (30 de setembro de 2024).

PAN quer criar lei de saúde menstrual

O partido pretende que seja ^{facilitado} facilitando o acesso a produtos e cuidados de saúde menstrual. Se a lei “for aprovada, colocará Portugal como país pioneiro em matéria pública no âmbito da saúde sexual e reprodutiva”, sublinha ^{pública ou matérias}

O PAN anunciou esta segunda-feira que quer criar uma nova lei da saúde menstrual com o objetivo de erradicar a pobreza menstrual, facilitando o acesso a produtos e cuidados de saúde menstrual, e combater estigmas em torno do tema.

Em comunicado, o Pessoas-Animais-Natureza sublinha que esta nova lei, que apelidam de “carta dos direitos menstruais”, se “for aprovada, colocará Portugal como país pioneiro em matéria pública no âmbito da saúde sexual e reprodutiva”.

A porta-voz do partido, Inês de Sousa Real, afirma, em comunicado, que os “produtos de higiene menstrual não podem ^{ser} tratados como um bem de luxo pelas políticas públicas” e defende a necessidade do país ir “mais longe no domínio da saúde menstrual”.

O PAN quer que seja consagrado na lei o direito a uma “experiência digna e saudável de menstruação”, que inclui o acesso a cuidados de saúde menstrual e “cuidados de saúde adequados ao tratamento de condições de saúde que impliquem uma menstruação dolorosa”.

O partido pretende também que seja protegido o ^{nível um deles} “o direito à não-discriminação em razão da menstruação, da perimenopausa e da menopausa” e garantida a segurança dos produtos de higiene menstrual através da disponibilização da “informação completa sobre a sua composição, incluindo aditivos e químicos”.

O projeto define ainda que passam a ser deveres do estado assegurar o acesso universal a cuidados e produtos de saúde menstrual, “tendo em vista a erradicação da pobreza menstrual”, contribuir para o fim dos estigmas e estereótipos associados à menstruação, perimenopausa e menopausa e providenciar a “detecção precoce da endometriose, adotando medidas de melhoria da referência e acompanhamento das doentes com o diagnóstico”.

Ao nível dos cuidados de saúde, o PAN propõe que, quando o SNS não consegue dar a resposta necessária nos tratamentos dos casos de endometriose ou adenomiose, sejam emitidos vales cirurgia para hospitais privados de referência no tratamento cirúrgico destas doenças.

Os produtos de higiene menstrual devem ser disponibilizados, esclarece o PAN, em escolas, universidades, centros de saúde, prisões e às pessoas sem-abrigo que o solicitem.

O PAN estabelece ainda metas anuais de diminuição da pobreza menstrual, ambicionando erradicar essa problemática até 2035.

“A partir do ano de 2026, o Governo deverá até ao dia 31 de ^{caixa baixa} Agosto de cada ano divulgar publicamente um relatório sobre os níveis de pobreza menstrual em Portugal no ano anterior àquele em que é divulgado”, pede também o partido no projeto de lei.

Anexo 15 – Ana França, “‘Não posso deixar que nem um bocadinho de ódio entre’: Issa Amro, o palestino que se mantém pacifista na Cisjordânia, ocupada por Israel” (5 de outubro de 2024).

Yahoo: “Como se começa uma revolução?”

O ativismo de Amro começara anos antes, em 2003, durante a Segunda Intifada (2000-05), período muito violento em que palestinos se faziam explodir em Israel, que retaliava com bombas sobre os territórios ocupados, incluindo Hebron. Em 2003 o exército mandou fechar o Instituto Politécnico, alegando incitamento contra os israelitas e acusando os professores de ensinar ódio.

“Eu estava quase a acabar o curso ^{ide} engenharia electrotécnica. Fiquei louco, juro, na altura tinha feito tudo para reabrir a universidade, até coisas violentas. Era o meu último semestre, estudava mesmo muito, não tinha vida social, o meu sonho era ser professor fora do país, estava disposto a tudo”, conta. Foi à internet, aos primórdios dos motores de busca. “Acho que na altura era o Yahoo. Escrevi algo como: ‘**Como se começa uma revolução**’ e, por sorte, quem apareceu foi o Martin Luther King”.

Cinco meses após a tomada da Universidade por Israel, havia cerca de três mil estudantes que se dirigiam, todos os dias, ao complexo académico, como se ele não estivesse sob controlo do exército. As aulas funcionavam com os mais velhos a servirem de professores dos mais novos. Quando os soldados israelitas ameaçaram demolir os edifícios da Universidade se os estudantes não saíssem, as próprias autoridades ^{palestinienses} pediram-lhes que desmobilizassem, mas Amro não parou. E venceu: **o Politécnico reabriu e ele tornou-se engenheiro.**

Nos meses que se seguiram à formatura, ^{Amro} Amro começou a sentir que batalhava contra si mesmo: por um lado, queria ensinar fora, fazer carreira académica; por outro, os seus compatriotas sucumbiam entre o ódio e a complacência de uma ocupação que lhes limitava o presente e o futuro.

“As pessoas pensam na sua qualidade de vida. Eu também, mas primeiro vem a preocupação com a resistência à ocupação e com a documentação das violações dos direitos humanos. Sinto-me muito realizado quando ajudo alguém a contornar a ocupação, por exemplo, quando volto a ligar a luz na casa de alguém depois de um ataque israelita ou de algum episódio de vandalismo”.

À mercê do ocupante

A 7 de outubro de 2023, quando regressava a casa depois de compras rápidas no mercado local, Amro foi raptado pelo exército israelita e pelos colonos, que, por vezes, andam com roupa semelhante à do exército. “Fiquei detido cerca de 12 horas. Estive completamente à mercê do que quisessem fazer. As minhas mãos foram presas atrás das costas com aqueles fios de plástico, apertados. Depois puseram-me um pano na boca”, conta.

“A sala onde me puseram estava gelada, o ar condicionado no máximo. ^{antes de levar a boca} E então, enquanto permanecia vendado e com o pano na ^{boca} ~~boa~~, várias pessoas entraram, reconheci as vozes de alguns, por serem meus vizinhos, e cuspiram-me em cima, tiraram fotografias, deram-me pontapés e ^{em cima de mim} ~~encontraram-me~~ uma arma à cabeça, várias vezes, e iam disparando, sem balas, só para fingir que ia morrer. Desmaiei duas vezes, as minhas mãos incharam brutalmente, já não conseguia respirar, pensei mesmo que era o meu último momento”. Mas não foi. Um homem armado, que Amro pensa que fosse militar, tirou o pénis das calças e quis forçar Amro a sexo oral. Quando rejeitou, foi de novo espancado.

O exército de Israel já foi questionado diversas vezes sobre o caso. O Expresso voltou a enviar perguntas às Forças de Defesa de Israel sobre os episódios de violência que Amro descreve e sobre os vídeos que parecem mostrar invasão da sua propriedade privada, mas não obteve resposta até à publicação deste artigo.

Ir a tribunal é inútil, apesar de Amro ter feito queixa e ter recebido informação de que as acusações estavam a ser investigadas. Em 2016, um tribunal militar acusou-o de 18 crimes

Anexo 16 – Eunice Lourenço, “Governo ainda vai falar com autarcas antes de definir plano para Lisboa anunciado por Montenegro” (22 de outubro de 2024).

**Governo ainda vai falar com autarcas antes de definir plano para Lisboa
anunciado por Montenegro** *no Montenegro*

O primeiro-ministro anunciou, como líder do PSD, uma grande plano para a Área Metropolitana de Lisboa, mas os autarcas não sabiam de nada e o ministério das Infraestruturas ainda vai falar com eles

Luís Montenegro, primeiro-ministro e líder do PSD, decidiu *anunciar* “sete novas decisões” no encerramento do Congresso do PSD, mas umas não eram novidade e outra ainda não está definida: o plano para transformar a Área Metropolitana de Lisboa (AML) para “erguer uma metrópole vibrante e homogénea” nas duas margens do rio Tejo.

Essa reabilitação envolve três polos sendo um deles destinado à “regeneração do Arco Ribeirinho Sul, nos municípios de Almada, Barreiro e Seixal”. O autarca do Seixal veio quase logo dizer que ~~que~~ não sabia de nada. E, agora, o Ministério das Infraestruturas vem dizer que ainda vai falar com os autarcas antes de definir o plano.

“O Governo irá priorizar o contacto com os autarcas dos municípios envolvidos neste grande projeto de requalificação e renovação do tecido urbano. **Só depois de auscultar as entidades territoriais que serão parte integrante deste projeto, os pormenores da Parque Humberto Delgado serão divulgados**”, respondeu o ministério de Miguel Pinto Luz, ao qual o Expresso tinha questionado sobre prazos e pormenores do anúncio feito pelo primeiro-ministro no encerramento do 42º Congresso do PSD.

“A futura *sociedade* Parque Humberto Delgado, anunciada pelo primeiro-ministro a 20 de outubro, terá três polos para erguer uma grande polis nas duas margens do rio Tejo: o primeiro será a regeneração do Arco Ribeirinho Sul, nos municípios de Almada, Barreiro e Seixal; o segundo será a sociedade Ocean Campus, que reabilitará o espaço entre o Vale do Jamor e Algés, nos municípios de Lisboa e Oeiras; o terceiro incide nos terrenos que serão libertados com o fim do aeroporto Humberto Delgado, nos municípios de Lisboa e Loures”, esclarece o Ministério.

“Os contributos que virão destes contactos serão importantes para enriquecer um projeto de larga escala que terá forte impacto na transformação urbana destes municípios. O objetivo é ouvir e envolver todos”, acrescenta a nota enviada ao Expresso.

Com as autárquicas do próximo ano em mira, o primeiro-ministro quer também dar atenção aos “territórios de alta densidade populacional” e, portanto, também eleitoral. E anunciou três polos para, “de forma concertada, erguer uma grande polis com duas margens” e para que a AML tenha “uma metrópole vibrante e homogénea que não seja como é hoje tão contrastante nas duas margens do rio Tejo”.

No seu discurso no congresso, o primeiro-ministro defendeu que esta ação de reabilitação permitirá dar “qualidade de vida, horizonte de atividade económica e capacidade em termos de serviços públicos de aproveitar os recursos naturais” nesta região, e **não concentrando apenas no centro de Lisboa todos os investimentos**”.

Anexo 17 – Daniel Oliveira, “Uma cidade, uma democracia e uma lei de todos e para todos” (28 de outubro de 2024).

Uma cidade, uma democracia e uma lei de todos e para todos

ide Milhares/jovens das periferias perderam para 200 racistas a prioridade legal de ir para frente do Parlamento. É uma metáfora. A pedagogia da democracia é autoministrada. Neste caso, o mérito de não ter havido problemas foi de quem luta pelo direito a não ser abatido por um pequeno erro. A lei, como a cidade, é para todos. Para Odair e para o polícia, para Tiago e quem o feriu, para os que promoveram os tumultos nas redes e quem instigou ao homicídio de cidadãos pela polícia

Tudo estava encaminhado para correr mal. A Câmara Municipal de Lisboa, por negligência ou pior do que isso, permitira que **a marcha do Chega, marcada fora de prazo, acabasse no local já reservado pela “Vida Justa”**. A PSP publicou, no antigo [Twitter](#), um cartaz que não podia ser mais desadequado para a mensagem necessária para o fim de semana que vinha. Em vez de uma imagem civilista, que sublinhasse a diversidade da corporação, dois polícias com capacetes, cara tapada, fundo negro e a frase **“Pátria e Ordem”**, que os ativistas de extrema-direita partilharam como se fosse campanha sua.

A PSP entrou, como todas as corporações entram em momentos como este, em modo de autodefesa. Há tanta gente a dizer que temos *de* acreditar na palavra da polícia. Numa investigação deste género, não sei se é ingenuidade, se má-fé. Em democracia, **todas as instituições são escrutinadas** por outras exatamente porque **não confiamos totalmente em nenhuma**. Porque elas *ide* feitas por humanos. *ide*

Os humanos que dirigem a PSP lançaram **dois jovens com pouco mais de 20 anos** para um cenário inapropriado para a experiência que têm, sem taser e com medo e uma arma na mão. Basta ver as imagens dos dois polícias, quando não fizeram manobras de salvamento à vítima, para perceber o pânico e o choque. Que o diretor adjunto tenha dito que se **têm treino básico podem estar em qualquer cenário** diz bem da negligência como tudo isto é tratado. Na opinião da cúpula da PSP, a experiência não conta, ao contrário do que sucede em profissões com muito menor responsabilidade.

Também terão sido os chefes destes homens a achar boa ideia divulgar que Odair empunhara uma faca contra os polícias e que deixaram que a tese o carro roubado corresse por mais de dois dias. E foi a cúpula da PSP que, depois dos acontecimentos de 2015, não percebeu que tinha de fazer uma revolução na esquadra de Carnaxide e, em vez disso, manteve os condenados ao serviço.

O jovem polícia pode vir a ser acusado e condenado, mas não deixa de ser **uma vítima da incúria das cúpulas da PSP**. E elas não deixarão de se proteger. Não hesitando, como já se percebeu, em mentir. E até em recorrer a uma retórica e uma estética que se esperam em partidos radicais, não em forças civis de segurança.

Vida A “Vida Justa” mudou o destino da manifestação, mostrando ser a única organização responsável neste processo (talvez por ser a única que nada tinha a ganhar com a violência) e impedindo o encontro, na mesma praça, de militantes do Chega e aquelas a que chamam “rascaria”. O facto de **milhares/jovens das periferias** que tinham direito legal e prioritário ao

ide

Anexo 18 – Henrique Raposo, “Já percebem porque é que o povo não pode ser quem mais ordena?” (12 de novembro de 2024).

Henrique Raposo

Já percebem porque é que o povo não pode ser quem mais ordena?

A liberdade e a verdade não são decididas pela democracia e pelo povo nas urnas. Essa é falácia ^{1a} de todas as ditaduras demagógicas, como bem percebiam Platão ou Hamilton. Eu dizia isto há 20 anos contra a esquerda chique, agora digo a mesma coisa contra a direita trumpista e chegana

Eu dizia isto há vinte anos e a esquerda chamava-me fascista. Agora, essa mesmíssima esquerda agarra-se (e bem) à ideia que considerava fascista: não, o povo não é quem mais ordena, porque o povo num dado momento pode ser incrivelmente estúpido e seguir a demagogia. A democracia é apenas um braço de enorme corpo que se chama República e, dentro da ordem republicana, há coisas que são mais importantes do que a vontade momentânea do povo. Quem manda é a constituição ou a tradição constitucional.

Um exemplo: imagine-se que o Chega fazia um referendo que colocava esta questão: vamos expulsar todos os ciganos e imigrantes do país, sim ou não? Mesmo que o sim tivesse 80% dos votos, a questão é que o referendo seria em si mesmo inconstitucional e violador do direito natural que precede qualquer direito positivo, qualquer governo. A escravatura e a segregação era democraticamente desejada no sul dos EUA - essa maioria — frase incompleta

É por isso que não podemos viver em democracias puras, mas em democracias liberais que colocavam filtros à vontade popular do momento. Quem vence uma eleição vence só isso: uma eleição, um mandato para mandar com limitações durante 4 anos; a democracia (isto é, a urna) não é um mecanismo que decide quem tem razão, é um mecanismo que decide o poder, quem manda nos próximos quatro anos; é por isso que o Supremo é independente. É por isso que os bancos centrais são independentes. É por isso que precisamos de imprensa com vários ângulos diferentes sobre o poder.

A ideia de que a maioria do momento tem sempre razão per se é a génese do fascismo ou do comunismo ou de qualquer movimento ditatorial. A democracia pura é como o mercado: só define fluxos de poder momentâneos. É por isso, quer a democracia (quem é eleito) quer o mercado (quem vende na praça pública) precisam de limites, fronteiras e regulamentos; porque, sem esses freios e contrapesos, quer a democracia pura quer o mercado criam perversões autoritárias, porque são instrumentos por natureza de índole material e que só respeitam a acumulação de poder. Quem tem mais votos?, quem vende mais? ^{1que,}

A liberdade e a verdade não são decididas pela democracia e pelo povo nas urnas. Essa é falácia de todas as ditaduras demagógicas, como bem percebiam Platão ou Hamilton. Eu dizia isto há 20 anos contra a esquerda chique, agora digo a mesma coisa contra a direita trumpista e chegana. Não mudei uma vírgula. O mundo à minha volta é que mudou. No meio intelectual dominado pela esquerda, isto agora é bem recebido quando há vinte anos não era.

Nada disto é novo. É o centro do património do liberalismo clássico, que ora está à direita ou à esquerda ao longo dos séculos. Hamilton era o federalista dos federalistas, os antepassados